

5.

A renovação do currículo humanista: uma análise do *Rationne studii* e do *De copia verborum ac rerum*

A literatura pagã forma e dá vigor à inteligência dos jovens e os prepara maravilhosamente para o conhecimento da Sagrada Escritura, já que se adentrar nela com pés e mãos sujas é quase um sacrilégio. São Jerônimo tacha de negligentes aqueles que recém saídos dos estudos profanos se atrevem a expor as Sagradas Escrituras. E quanto mais insolente é o proceder de quem sem provar os primeiros se atrevem aos segundos!¹

Tal era a grande importância que Erasmo concedia aos estudos da cultura clássica pagã para a vivência plena da Palavra das Escrituras. Nas bases de seu ideal de conciliação entre o cristianismo e o estudo das boas letras nas escolas européias estavam as noções humanistas fundamentais de que viemos tratando até aqui, da *Dignidade do Homem* e de estímulo às capacidades de sua razão. Assim, como podemos ver nesta passagem do *Enquiridion*, Erasmo foi buscar as fontes para a legitimação de seu culto à eloquência não somente nos autores antigos, mas nos grandes Padres da Igreja, desenvolvendo sua proposta para uma reforma no currículo de ensino, cujo objetivo era modificar os métodos pedagógicos, os hábitos intelectuais e a própria atitude cristã, pois também São Jerônimo, precisou conhecer as línguas antigas para aproximar-se mais da mensagem divina em sua essência. Esta temática faz parte recorrentemente das ambições erasmianas e se apresenta, seja em suas correspondências, seja em suas obras maiores, desde os seus primeiros escritos de juventude, tais como o *Antibárbaros*, de fins do século XV.

Para o humanista, o conhecimento dos antigos, empregado não como um fim em si mesmo, ou seja, para proporcionar a fama e a glória a autores desejosos de exibir sua erudição, possibilitava o desenvolvimento das capacidades críticas dos alunos. Através deste aprendizado eles poderiam reconhecer os estilos e suas técnicas, assim como o valor dos exemplos para alcançarem a honra de uma vida virtuosa. Em um estágio posterior, após haver aprofundado os conhecimentos das línguas, poderia então buscar um conhecimento

¹ Erasmo. *Enquiridion*, op. cit., p. 73.

mais vivo e autêntico das Santas Escrituras, em sua linguagem própria, pois deste modo, segundo ele “ela nos falará de muitas coisas proveitosas para a vida.”

Em defesa dos antigos, assim como Erasmo, muitos outros humanistas travaram uma luta contra a Igreja e seu programa educacional que condenava como heresia este estudo dos clássicos, pois, em sua perspectiva, os valores pagãos deviam ser necessariamente incompatíveis com a doutrina cristã. Assim, o programa de reforma que Erasmo propunha primeiramente em seu *Antibárbaros*², uma de suas primeiras obras, atingia de tal maneira alguns dos princípios centrais da educação religiosa tradicional que o humanista foi inviabilizado de publicá-lo. Apenas conseguiria fazê-lo em 1520³, mais de vinte anos depois de sua redação, sendo acrescido de algumas críticas, desta vez ainda mais contundentes contra o ensino escolástico que, alguns anos antes despertara a apreensão de Robert Gauguin. Este humanista francês, em carta enviada a Erasmo, em 1495⁴, responde ao envio do manuscrito do *Antibárbaros* lhe advertindo do perigo que a sua divulgação comportaria, tendo em vista o fato de Erasmo escrever em uma época em que as "vocações profanas corriam perigo."⁵ Diz Gauguin:

Sua empresa contra essa espécie desprezível de homens que não cessam de desacreditar o estudo das humanidades é uma guerra difícil que atirá o ódio sobre ti. Nenhuma máquina de guerra te dará a vitória sobre essa gente que, mesmo vencida por ti, se obstinará [em permanecer] na sua ignorância por mais tempo. A arma mais eficaz para combatê-los será a estima pelas letras que acrescentam a eloquência ao saber. (...) O que é espantoso é que entre os autores cristãos eles concordam e louvam aqueles que exprimem seu pensamento com uma língua polida e abundante em palavras: por que então eles condenam aqueles que admiram a eloquência em outros autores? (...) Se esta é a razão que nos distingue dos seres inanimados, por que não nos esforçamos em revelar por onde um homem pode ser superior a um outro homem sem causar prejuízo a quem faz uso destes autores? Tanto o gago é superior ao mudo quanto o bem

² Segundo Lúcio Nassaro, a primeira redação dos *Antibárbaros*, de caráter mais privado, ocorreu entre 1488 e 1489, quando Erasmo tinha ainda menos de vinte anos e estudava no monastério de Steyn. Na segunda redação, entre os anos de 1494 e 1495, Erasmo já procura publicá-lo. Fato este que se comprova também por sua carta à Gauguin (que citamos acima) no ano de 1495, visando obter deste humanista um parecer favorável a publicação de sua obra. Sobre os *Antibárbaros* e a necessidade dos *studia humanitatis*, ver a dissertação de Nassaro, sobretudo os capítulos III e IV, onde o autor trata especificamente destas temáticas. Nassaro, Lúcio. *A Unidade da Verdade em Erasmo*. São Paulo: Departamento de Filosofia. Dissertação de Mestrado, 2005.

³ Sobre esse assunto ver a obra de Mécenas Dourado onde ele analisa comparativamente algumas diferenças existentes entre o texto original e o que foi publicado em 1520. Cf.: Dourado, M. *Erasmo e a Revolução Humanista*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968, capítulos 1 e 2.

⁴ Robert Gauguin à Érasme (Paris, outubro, 1495) in: *Correspondance d'Érasme 1484-1517*. Edition Intégrale. Tome I. Paris: Gallimard, 1968, pp.124-6.

⁵ Garin, E. *L'Éducation de l'Homme Moderne*, op. cit.

dizer é superior ao gago e a eloquência predomina sobre o bem dizer. (...) Eu não te censuro por combater contra os inimigos das belas letras, pois é necessário fazê-lo da maneira mais ameaçadora.⁶

Como podemos perceber, aparentemente Gauguin concorda enfaticamente com as críticas de Erasmo àqueles que desconfiam do poder da eloquência. Entretanto, após elogiar a clareza na exposição do humanista deste tema tão controverso, a forma da composição e a "graça na utilização dos ornamentos", o seu conselho a Erasmo é justamente diminuir a parte do diálogo em que William Batt, personagem principal e porta-voz do autor⁷ nos *Antibárbaros*, se ocupa em defender as boas letras. A justificativa para esta correção seria que Batt discursa um bom tempo sem nenhum interlocutor lhe responder, e este fato deixaria o texto muito longo e fatigante, tendo em vista que não há a alternância dos argumentos como há nos diálogos de Platão e de Cícero. Esta crítica em relação à forma do texto, se Erasmo a tivesse aceito, poderia alterar profundamente a estrutura do texto, pois a defesa mais contundente das boas letras, assim como as críticas mais duras aos padres e teólogos e, enfim, a todos aqueles que reprimiram o estudo dos clássicos após o fim do Império Romano, foram encarnadas pelo personagem de Batt.

Erasmo já antecipava no *Antibárbaros* alguns dos preceitos fundamentais que iriam fazer parte alguns anos mais tarde do *Rationne studii* e do *De copia*, os primeiros e principais manuais pedagógicos da Renascença, pois influenciaram a publicação de muitos outros textos cuja preocupação central era ensinar os alunos a lerem, a compreenderem, a imitarem e a incitarem os alunos a produzirem outros textos com base nos antigos. Contudo, havia a dificuldade inerente à função do professor, pois este não poderia mudar o

⁶ Carta de Robert Gauguin a Erasmo, Paris, outubro de 1495, carta 46 In *Correspondance d'Érasme*, op. cit., p. 124-25.

⁷ Batt ressalta que são inúmeros os adversários da alta cultura, separando-os em três categorias. Os primeiros adversários são os incultos, que por estupidez ou sob pretexto da religião, desejam a destruição total das letras. Segundo Batt, estes são os verdadeiros "bárbaros" ao lutarem contra toda literatura e contra a glória da república das letras. Apesar disso, eles não marcham para o combate, pois não possuem nem o armamento nem a ciência da guerra. A segunda categoria, um pouco mais equipada, diz ele, "possuindo mais disfarces que Proteu", realiza seus ataques tanto de longe quanto de perto. Estes não trabalham para extingui-la inteiramente, mas para restringi-la em seus limites, aceitando outros estudos mas temendo as humanidades. Já os terceiros desejam a manutenção da república das letras mas sob a condição de que eles próprios sejam considerados os maiores poetas e retóricos. Sem responder qual seria o pior dos inimigos das letras, ele diz que os humanistas devem lutar contra todo tipo de barbarismo escolástico, posto que não admitem abandonar velhos preconceitos doutrinários postulando a pretensa incompatibilidade entre o cristianismo e a cultura pagã.

currículo escolar, neles acrescentando um estudo mais profundo das disciplinas humanísticas. Diz Batt no *Antibárbaros*:

Se nós esquecermos de usar as invenções do mundo pagão nos campos, nas cidades, nas igrejas, no trabalho e na guerra isso não causaria aos cristãos nenhum mal. O fato é que nossa escrita e nossa fala veio até nós através dos pagãos; eles descobriram a escrita, eles inventaram o uso do discurso.⁸

É verdade, portanto, acrescenta Batt, que algumas das invenções dos pagãos são questionáveis, mas outras - como a escrita e a arte do discurso - são necessárias e úteis, sendo a linguagem uma dádiva universal de Deus aos homens. Por que então não podemos absorver o que há de bom nelas para nós mesmos, "se as conquistas dos pagãos fazem parte de um plano divino"⁹? Acreditamos ser este o ponto central da defesa erasmiana da cultura pagã, pois o humanista diz que as maravilhas do mundo, a descoberta do sistema de saber, assim como tudo que foi "brilhantemente dito e diligentemente transmitido", foi dado aos pagãos pela Providência divina para que a desenvolvessem sob os poderes de sua razão, fornecendo importantes subsídios para que posteriormente a religião cristã pudesse ser purificada em sua essência e ajudada pelo mais alto conhecimento.¹⁰ Mas, em vez dos cristãos aproveitarem a herança das sociedades antigas, "eles trouxeram perigo e confusão para o legado pagão"¹¹. Portanto, na sua opinião: "não há erudição na existência exceto pelo que é secular ou que seja pelo menos encontrada ou informada pela literatura secular."¹²

Esta questão é sem dúvida crucial na estruturação do texto erasmiano, sendo a partir da utilidade para o cristianismo atribuída pelo humanista à sabedoria pagã que se desenrola de forma mais sólida a defesa das boas letras. Com efeito, ao potencializar a importância dos Antigos, não se referia nunca ao conteúdo de suas crenças religiosas próprias, mas tratava especificamente do legado pagão de aprendizagem e da importância da linguagem enquanto criação do homem, para o entendimento das sutilezas, das metáforas e das

⁸ Erasmo. "Les Antibarbares" in *Oeuvres Choisies*, p. 57.

⁹ Idem, p. 58-59.

¹⁰ James MacConica também ressalta este ponto em sua análise como uma questão central na defesa de Batt das letras clássicas. Cf.: MacConica, James "Erasmus" In *Renaissance Thinkers*. Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 16.

¹¹ Erasmo. "Les Antibarbares", op. cit., p. 61.

¹² Idem, p. 62.

parábolas do texto bíblico. Esta temática se repete também no *Enquiridion*, cuja passagem citamos no início deste capítulo.

Mas é já no início de sua carreira literária, no *Antibárbaros* que Erasmo explicita este ponto principal de seu pensamento e objetivo primeiro de seus esforços. Consegue justificar perfeitamente então a necessidade do estudo dos antigos em benefício da pureza do espírito cristão. Afinal, o uso da linguagem e das capacidades da razão era atributo divino aos homens, fossem eles cristãos ou pagãos. Cabia ao cristão, nesta perspectiva, utilizar-se bem das criações da razão dos gregos e romanos antigos ainda que não conhecessem a mensagem divina. Elas possibilitariam a homens como Lorenzo Valla a restauração da Palavra viva de Deus aos homens, obscurecida pelos erros do passado medieval. Como, do ponto de vista do cristianismo humanista, centrado na práxis, os desígnios divinos não podiam ser conhecidos pelo homem, dada a limitação de sua própria natureza face à onipotência de Deus, cabia-lhes os estudos do saber propriamente humano e de seus valores, como expressão da centelha divina de seu espírito, em qualquer tempo:

Diz-me que não deveríamos ler Virgílio porque está no inferno. Achas que muitos cristãos, cujas obras lemos, não estão no inferno? Não nos compete discutir se os pagãos antes de Cristo foram condenados. Se quiseses rejeitar tudo o que é pagão, terás que abandonar o alfabeto, a língua latina e todas as artes e ofícios.¹³

Foi dessa forma que Erasmo procurou conciliar a cultura pagã com o texto bíblico, e, ao mesmo tempo, não subjugar os estudos da tradição clássica ao controle e interesse dos teólogos que suprimiam a sua importância. Enfatizava que devia-se ter em mente que as línguas grega, latina e hebraica (assim como sua gramática) foram essenciais para a construção de uma sabedoria primordial responsável pela iluminação até mesmo do saber cristão. E é assim que Erasmo conclui sua obra: "resta-nos refutar aqueles que dizem que não é para um cristão prestar atenção na eloquência"¹⁴.

5.1) O *Rationne studii*

¹³ Idem, p. 98.

¹⁴ Erasmo. "Les Antibarbares", op. cit., p. 121.

A influência de Erasmo foi determinante e quase incalculável para a difusão de uma nova concepção educacional por diversos países transalpinos, ao colocar sempre em primeiro plano nas suas obras o valor da formação nas *bonae litterae*. Após críticas ao sistema educacional de sua época, ele elabora em um período em que o modelo curricular não estava fechado acerca dos objetivos mais adequados à educação e da melhor forma de alcançá-los, um esboço de seus métodos humanistas intitulado *De rationne studii*¹⁵ (*Plano de Estudos* ou *Método para estudar*), publicado em 1511. Erasmo dedica esta obra a Pierre Viterios, professor das artes liberais em Paris, para atender aos interesses dos alunos aos quais ele ensina. Segundo ele:

Tu me pedes que eu te prescreva um plano de estudos e um método que tu seguirás como o fio de Teseu para te encontrares nos labirintos dos autores. E no que me concerne, é de muito bom grado atender a um amigo tão caro (...) de cujo pedido tão nobre pode-se esperar tantos frutos.¹⁶

Este pequeno esboço de um currículo modelo, baseado em sua experiência pedagógica adquirida durante os anos em que foi professor em Paris, foi, segundo Skinner¹⁷, um dos primeiros a sintetizar os ideais humanistas, tendo influenciado por muito tempo diversos outros manuais, como o de Juan Luis Vives, *De tradendis disciplinis*, de 1531, o de Sir. Thomas Elyot, *The Book named the Governor* (*O Livro chamado O Governante*), também publicado em 1531, o tratado de Roger Ascham, *The Schoolmaster* (*O mestre-escola*), publicado pela primeira vez em 1570, entre outros escritos realizados ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Um fato que nos chama atenção nesta obra, além da sua grande repercussão nas escolas e universidades européias, é que ela constitui um modelo para a organização e sistematização do saber pautado essencialmente nos autores clássicos, tendo como principal objetivo o desenvolvimento de duas das cinco tarefas atribuídas aos oradores antigos: a *inventio* e a *elocutio*. Seguiu fielmente neste ponto a forma dos tratados clássicos.

¹⁵ Erasmo. "Rationne studii" In *Oeuvres Choises*, pp. 228-233.

¹⁶ A intenção de Erasmo era dedicar o *Rationne* a Thomas Grey, no entanto, sua cópia foi roubada em Ferrara por Guilherme Thale que publicou o texto colocando seu nome na dedicatória. Quando Erasmo percebeu a fraude ele dedicou o trabalho a Pierre Viterius, amigo de Thomas Grey. Cf.: Érasme. *Correspondance*, p. 166.

¹⁷ Skinner, Q. "O estudo da retórica" In *Razão e Retórica na Filosofia de Hobbes*, pp. 41-100.

Havia uma concordância geral nos tratados antigos quanto ao número das faculdades que qualquer orador deveria possuir e a ordem em que elas tinham de ser discutidas. De acordo com o *Ad Herennium* (o mais antigo manual romano sobre a eloquência cuja autoria é desconhecida), entre as cinco capacidades que o orador deveria cultivar, a primeira era a *inventio*, ou seja, a capacidade de “descobrir as coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável.”¹⁸ A segunda, a *dispositio*, que era a capacidade de “ordenar e distribuir essas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar”.¹⁹ A *elocutio* vinha em terceiro lugar, tratando da acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção”.²⁰ Em seguida vinham a *memoria*, “a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição”²¹ e a *pronuntiatio*, que tratava da “moderação, com encanto, de voz, semblante e gesto.”²² Embora essa divisão esteja presente nos tratados antigos, o peso que davam para cada uma das faculdades do orador era diferenciado.

Em geral, apesar de sua importância na arte da eloquência, a *memoria* e a *pronuntiatio* não eram exploradas com tanta profundidade pelos tratados, ao nos voltarmos, em contraste, para a *inventio*, a *dispositio* e a *elocutio*, encontraremos análises muito mais minuciosas por parte dos retóricos romanos. Autores como Cícero, Quintiliano e o próprio texto do *Ad Herennium*, começam invariavelmente pela *inventio*, conceito geralmente traduzido como invenção dos argumentos. No entanto, associar a *inventio* à idéia de fabricação ou elaboração de argumentos não nos parece ser uma idéia que traduza bem o sentido deste termo, pois na Antigüidade a faculdade da invenção era a de descobrir os “lugares” em que se podiam encontrar argumentos adequados, com o objetivo de apresentá-los da forma mais persuasiva. A ênfase do conceito recaía portanto não tanto na criação de formas e palavras novas, mas sim no bom uso das que já existiam. Textos como o *Ad Herennium* e o *De Inventione*, de Cícero, atribuíam maior importância e dificuldade, entre as cinco tarefas do orador, à *inventio*. No entanto, em textos como o *De Oratore*, escrito em uma fase posterior, a parte mais significativa da tarefa do orador como dissemos no primeiro capítulo, definia-se pela *elocutio*, sua virtude própria em que se manifestava todo

¹⁸ *Retórica a Herênio*, I, II.3, p. 6.

¹⁹ *Ibidem*, I, II. 3, p. 6.

²⁰ *Ibidem*, I, II. 3, p. 6.

²¹ *Ibidem*, I, II. 3, p. 6.

²² *Ibidem*, I, II. 3, p. 6.

o esplendor da arte da palavra. Erasmo retomava a tradicional primazia da *Inventio* dos tratados antigos mas não deixava de concedê-la também à *elocutio*, na mesma proporção, reafirmando sua concepção eminentemente artística do uso da língua.

Uma vez tendo descoberto quais argumentos utilizar, o orador devia aprender a distribuí-los da maneira mais eficaz em seus discursos. Embora concordassem que a *dispositio* constituía a segunda parte da retórica, os autores romanos discordavam quanto a seu caráter e importância. Enquanto o personagem de Marco Antônio fornece no *De Oratore* uma análise completa de uma disposição efetiva, tema que ele distingue explicitamente da invenção de argumentos²³, Quintiliano em sua *Institutio Oratoria*, incluía a *dispositio* no âmbito da *inventio*.²⁴

Quanto à *elocutio*, a capacidade de falar e escrever com plena expressividade e, por conseguinte, da maneira mais persuasiva possível, segundo o *Ad Herennium*, existem três aspectos principais, garantidores do alcance de uma elocução cômoda e perfeita. “Para que convenha o mais possível ao orador, ela deve ter três características: elegância, composição, dignidade.”

A elocução faz com que cada tópico pareça ser dito correta e claramente. Dividi-se em vernaculidade e explanação. A vernaculidade conserva a fala pura, afastada de todo o vício. A explanação torna o discurso claro e inteligível. (...) Composição é o arranjo de palavras que torna todas as partes do discurso igualmente bem polidas. Havemos de conservá-la se evitarmos encontros freqüentes de vogais que deixam o discurso com vazios e hiatos, (...) e evitarmos a excessiva ocorrência da mesma letra, (...) ainda se evitarmos a repetição da mesma palavra (...) e não usarmos seguidamente palavras de terminação igual (...). A dignidade é o que torna o discurso ornado, fazendo-o distinto pela variedade.²⁵

Cícero, em seu *De Oratore*, prefere deixar de lado os preceitos relativos à pureza do latim, pois estas são lições dadas às crianças. Em relação à perfeita clareza do discurso é evidente, diz ele, que o orador deva “falar com um latim puro, com palavras que expressem de maneira precisa o que se quer enunciar, que não empregue períodos muito longos, não prolongue as metáforas emprestadas para comparação com outros objetos...”²⁶ Insistia mais na importância da variedade das expressões, palavras, ornatos e temáticas do que

²³ Ciceron. *De L'Orateur*, op. cit., II, LXXXVI.

²⁴ Quintilien. *Institution Oratoire*. Paris: Belles Lettres, 1979, Proêmio, v. I.

²⁵ *Retórica a Herênio*, IV, 17, pp. 223-224.

propriamente na clareza e na pureza do latim, condições que o orador já deveria saber *a priori*.²⁷ No *De copia*, tal como Cícero, Erasmo afirmava a profunda relevância da *varietate*, destacando de maneira significativa em seus manuais apenas duas das cinco funções inerentes à função do orador: *a inventio* e *a elocutio*.

Diferentemente de Cícero, por exemplo, Erasmo no *Rationne studii* não faz maiores comentários sobre a *dispositio*, seu objetivo maior é levar o aluno a adquirir a capacidade da invenção, para que pudesse libertar-se dos seus modelos, assim como ensiná-lo a escolher as palavras mais adequadas ao discurso, e os tropos e as figuras de linguagem que melhor contribuíssem para o sucesso de sua argumentação. Procurando perceber quais os interesses mais imediatos do humanista no pequeno esboço do *Rationne studii*, analisaremos passo a passo o seu método para conduzir os alunos na conquista de tais requisitos fundamentais para a educação humanista.

A primeira reivindicação de Erasmo nesta obra é em relação à gramática. A gramática do grego e do latim deveriam ser ensinadas às crianças desde o início do aprendizado, não somente porque nessas duas línguas estava quase tudo que merecia ser conhecido, mas também porque elas se pareciam uma com a outra, sendo, desta forma, mais fácil ensiná-las juntas do que separadamente. Segundo ele, é fundamental que o aluno cultive e assimile os rudimentos das duas, seja através de um preceptor, seja através da escolha dos melhores autores, que ele espera que sejam pouco numerosos, porém bem escolhidos. Nesse texto desaparece, portanto, o desprezo que o humanista nutria pelos gramáticos no contexto do *Elogio da Loucura*, "raça de homens que seria a mais calamitosa e mais malquista pelos Deuses..., cuja maior felicidade vem-lhes do contínuo orgulho de seu saber."²⁸ No *Rationne*, pelo contrário, Erasmo considera importante o conhecimento dos gramáticos gregos como Theodore Gaza e Constantin Lascaris, destacando entre os modernos o trabalho de Nicolas Perotti, que parece ser o mais preciso de todos, sem ser, no entanto, muito detalhista.

Mas, se eu reconheço que os preceitos desse gênero são necessários, eu espero que, na medida do possível, eles sejam pouco numerosos, desde que sejam os melhores. Jamais eu aprovei os professores que fazem com que as crianças passem muitos anos nesse tipo de aprendizado. Pois, a verdadeira

²⁶ Ciceron. *De L'Orateur*, III, XIII, 48-49.

²⁷ Idem, III, XIII, 48-51.

²⁸ Erasmo. *Elogio da Loucura*, p. 61.

aptidão para falar corretamente se adquire da melhor maneira falando e vivendo com aqueles que falam puramente, e, sobretudo, pela leitura dos autores eloqüentes, dos quais é preciso impregnar-se, e daqueles cujo estilo é o mais puro, mas que também dão prazer àqueles que os estudam por um certo atrativo do assunto que abordam²⁹.

Desde seus primeiros trabalhos e correspondências, até seus últimos escritos, como é o caso do *Dialogue sur la pronuntiation correcte du latin et du grec* (1528), que citamos no primeiro capítulo, Erasmo destaca a necessidade do conhecimento do latim e do grego, não apenas por seu valor formal, mas pelo fato de que todas as coisas dignas de serem lidas foram escritas nestes dois idiomas, pois deste aprendizado depende a dignidade e a felicidade de todo ser humano: “que ele se torne um homem e não uma besta.”³⁰

Entretanto, pode parecer curioso mas o humanista só aprendeu o grego, língua que sem a qual, escreve Rabelais, “nenhuma pessoa pode se dizer sábio”, após os seus trinta anos durante a sua estadia na Inglaterra, e não na primeira infância, como ele propõe no *Rationne*. Foi apenas a partir dos contatos travados neste país com Thomas More, Willian Grocyn e John Colet, que o orientam decisivamente em direção aos estudos bíblicos, que Erasmo concentrou todos os seus esforços na recuperação de sua defasagem no conhecimento desta língua e, por sua vez, de toda a cultura grega.

Em 1505, então com 38 anos, Erasmo se inscreve na faculdade de Teologia de Cambridge para ali preparar o seu doutorado, aperfeiçoando o grego e estudando simultaneamente a literatura pagã e a bíblica. A paixão pela precisão e pelo poder de sugestão desta língua, leva o humanista a realizar inúmeras traduções de autores gregos³¹: dos diálogos de Luciano (juntamente com More), de Eurípedes e de Plutarco, além de, entre os anos de 1511 e 1514, ele próprio ministrar alguns cursos públicos de grego na

²⁹ Da mesma forma, esta mesma preocupação se repete em seu *Dialogue sur la pronuntiation correcte du latin et du grec*, de 1528, onde ele afirma ser esta a característica essencial que distingue o homem dos animais, devendo ser desenvolvida ainda na infância esta aptidão inata ao aprendizado. Erasmo. “*Rationne studii*” In *Oeuvres Choisies*, p. 229.

³⁰ Erasmo. “*Dialogue sur la pronuntiation correcte du latin et du grec* (1528)” In *Érasme: Oeuvres Choisies*, op. cit., pp. 906-907.

³¹ Erasmo diz em seu *De Copia* que a tradução de textos gregos é um excelente exercício para o treino da língua. Podemos perceber, devido às diversas traduções de autores gregos feitas pelo humanista, que ele realmente baseia seus escritos pedagógicos em sua própria experiência. Além disso, Erasmo critica a impertinência daqueles que se dedicam à análise das Escrituras sem antes conhecer os textos clássicos; e ele mesmo só se resolve a traduzir o Novo Testamento após ter se exercitado bastante na língua grega com suas leituras e publicações de autores como Luciano e Eurípedes.

Universidade de Cambridge, publicar sucessivamente seus dois tratados pedagógicos - o *Rationne* e o *De copia* (em 1511 e 1512) - para só depois trabalhar com empenho em uma das suas obras mais importantes: a edição greco-latina do Novo Testamento, publicado em 1516.³²

A valorização do grego pelos humanistas ingleses era tamanha que o Colégio de São Paulo, fundado por Colet em 1508, foi o primeiro estabelecimento a introduzir essa língua como disciplina regular no ciclo de estudos.³³ A sua importância, no entanto, já vinha sendo percebida por diversos autores da Renascença italiana como Leonardo Bruni, chanceler florentino, que relatou com entusiasmo a chegada no fim do século XIV de um famoso mestre das letras gregas, Emanuel Chrysoloras, proveniente de Bizâncio, então ocupada pelos turcos. Com a sua vinda, os sábios cidadãos de Florença poderiam finalmente entrar em contato com os saberes da cultura helênica:

Eis que tu podes ver Homero, Platão, Demóstenes e outros poetas, filósofos e oradores (...), vê-los e também falar com eles, impregnar-te de sua admirável ciência; e tu a deixarás passar? Depois de quase setecentos anos, ninguém na Itália ainda conhece as letras gregas das quais se reconhece que procede toda a ciência (...) Chrysoloras, ele é o único doutor em letras gregas. Se ele se for, tu não encontrarás nenhum outro para que te as ensine.³⁴

Como compreender as metáforas ou as sátiras empregadas pelos autores antigos se não houver um profundo conhecimento da sua língua? Para Erasmo, negligenciar o estudo da linguagem é o mesmo que condenar ao fracasso o aprendizado das coisas, como ele afirmava já no *Antibárbaros*, fazendo alusão aos filósofos e teólogos escolásticos que se mantiveram indiferentes ao estilo, à eloquência e assim também à pureza da Palavra e a realização de sua essência ativa, pela qual penetrava nos corações dos homens. Em relação ao seu apreço pela pureza do latim, como demonstramos no capítulo anterior, Erasmo recebeu forte influência de Valla, a quem defendeu repetidas vezes em suas

³² Sobre a vida de Erasmo ver: Halkin. "Inglaterra, una segunda patria" in: *Erasmo entre nosotros*. Barcelona: Editorial Herder, 1995, pp. 57-79.

³³ Godin. "Dictionnaire" in: *Érasme: Éloge de la Folie, Adages, Colloques...*, p. 95.

³⁴ Leonardo Bruni apud Eugênio Garin. *L'Éducation de l'Homme Moderne (1400-1600)*. Paris: Fayard, 1968, p. 91. P. O. Kristeller também destaca a importância do conhecimento da língua e da cultura grega para a formação humanista, assim como também faz referência à participação de Emanuel Chrysoloras. Diz o autor que, com a chegada deste especialista iniciou-se, mais de meio século antes da queda de Constantinopla, o êxodo de eruditos bizantinos para a Itália. Em relação a difusão da cultura

correspondências relatando sua indignação com as críticas e as injúrias feitas ao "mais eloquente dos homens": "ele que por tanto estudo, dedicação e fadiga, refuta as parvoíces dos bárbaros e salva do aniquilamento as letras quase enterradas."³⁵ O domínio dessas línguas é uma propedêutica indispensável à apreensão das ciências liberais – poesia, retórica, dialética, história e filosofia moral – disciplinas que constituem a essência do currículo humanista.

Associado ao estudo das línguas antigas, Erasmo destaca a importância de alguns gramáticos nos quais os alunos devem se pautar para aprofundar seus estudos. Diz ele:

Então, para que possamos colher mais cedo os frutos mais copiosos dos autores nos quais afirmei ser necessário buscar a riqueza da língua, eu gostaria que lêssemos com aplicação Lorenzo Valla, que sobre a elegância da língua latina escreveu da maneira mais elegante. (...) Entretanto, eu não desejaria que sejamos em tudo submissos aos preceitos gramaticais de Valla. Seremos ajudados além do mais se aprendermos de cor as figuras gramaticais ensinadas por Donat e Diômede; se tivermos na memória todas as leis e as formas de versos; se conhecermos bem o essencial da retórica, isto é, as proposições, os argumentos, os ornamentos, as amplificações e as fórmulas de transição. Porque tudo isso é útil não apenas para julgar, mas também para imitar.³⁶

Embora o humanista valorize e respeite o trabalho filológico de Valla, defendendo-o sempre dos seus críticos mais mordazes, Erasmo já deixa claro, mesmo em suas correspondências mais antigas, que não é adepto da devoção exclusiva a um único autor, estimulando fortemente, pelo contrário, a *inventio*, na diversidade de exemplos e, por sua vez, de proposições, de ornamentos, técnicas de redescritção, entre outros.

Após o aprendizado das línguas grega e latina, o 2º passo estabelecido por Erasmo a ser dado pelos alunos seria a leitura cuidadosa de alguns dos mais importantes expoentes da cultura clássica. Nada melhor para educar os homens a serem artífices de sua própria humanidade do que a leitura dos textos profanos, que, ao contrário dos textos rigorosos de teologia, traduziam realidades exemplares com imagens imediatas e facilmente apreensíveis. O contato com estes textos não se afirmava apenas enquanto escola de moral universalmente humana, mas, sobretudo, porque propiciava simultaneamente o

helênica na Itália ver: "Renaissance thought and bysantine learning" in: Kristeller. *Renaissance thought and its sources*. New York: Columbia University Press, 1979, p. 143.

³⁵ Erasmo a Cornélio Gerard, Steyn, julho de 1489 In Érasme. *Correspondance*, p. 91.

³⁶ Erasmo. "Rationne studii" In *Oeuvres Choisies*, p. 231.

conhecimento histórico do mundo antigo em todos os seus aspectos, assim como uma aquisição mais precisa de um manancial de exemplos, de expressões, de palavras e de ornatos que funcionariam como um rico acervo de que o orador poderia servir-se em seus discursos. Devido a essa grande importância dos Antigos para o enriquecimento da cultura moderna Erasmo se preocupava em indicar quais são os manuais necessários ao aprendizado, assim como o que convém observar e notar no autor estudado. Não é sem propósito que o início do aprendizado é dedicado à imitação, sendo a leitura acompanhada de exercícios escritos para que o aluno constituísse um verdadeiro "tesouro na memória".

Para Erasmo, a verdadeira aptidão para falar corretamente se adquire falando e vivendo com aqueles que falam da forma mais pura³⁷ e, sobretudo, pela leitura dos autores eloqüentes, entre os quais devemos procurar não só aqueles que possuem o melhor estilo, mas também àqueles que dão prazer aos estudantes pelo atrativo dos temas que abordam. Nesse gênero, entre os gregos, Erasmo cita em primeiro lugar Luciano, em segundo Demóstenes e em terceiro Heródoto. Do lado dos poetas, o primeiro lugar é de Aristófanes, o segundo de Homero e o terceiro de Eurípedes.

Entre os latinos o primeiro lugar é de Terêncio (cujo estilo puro, limpo e muito próximo da linguagem cotidiana, é também agradável aos adolescentes pela natureza do gênero. "Se julgarmos [boa idéia] acrescentar a ele algumas partes escolhidas de Plauto desprovidas de obscenidade, eu não veria de minha parte nenhum inconveniente³⁸". O segundo lugar seria de Virgílio, o terceiro de Horácio, o quarto de Cícero e o quinto de César. "Se acharmos útil acrescentar Salústio eu não me coloco muito contra, e julgo que esses autores são suficientes para o conhecimento das duas línguas."³⁹

Existem alguns aspectos curiosos nesta lista de autores que gostaríamos de ressaltar, tais como: a moralidade erasmiana ao escolher somente as peças de Plauto que estivessem desprovidas de obscenidade; a total ausência de autores cristãos⁴⁰, a sua preferência pelos

³⁷ Erasmo, em viagem para a Itália, freqüentou a academia do importante editor Aldo Manucio, onde pôde aperfeiçoar seus conhecimentos da língua e da pronúncia grega, sendo esta a única língua falada pelos humanistas que ali se encontravam.

³⁸ Erasmo. *Rationne studii*, p. 229.

³⁹ Idem, p. 229.

⁴⁰ Desde o *Antibárbaros* o humanista já proclama que apenas há cultura (*eruditionem*) entre os antigos, fazendo uma série de críticas aos autores cristãos, sendo os melhores aqueles que fizeram uso da cultura clássica, como Santo Agostinho e São Jerônimo. Essa defesa exacerbada do paganismo feita por Erasmo foi atacada diversas vezes por diferentes frentes de combate, como pelos teólogos de Louvain e da Sorbone, e

poetas; a ausência de autores que são recorrentes em suas obras como Platão, Sêneca, Tácito e Quintiliano e a referência a outros que quase não vemos citados em seus trabalhos como César. Poderíamos ainda nos perguntar qual a ordem dos autores a serem estudados, qual o tempo que seria dedicado a cada um deles e quais os trabalhos de Cícero ou Demóstenes deveríamos privilegiar. Estas escolhas seriam feitas apenas pelo preceptor ou as preferências dos alunos seriam consideradas? Estas questões sem dúvida não faziam parte das preocupações do humanista neste pequeno ensaio, porque ele não faz nenhuma menção a elas em seu texto. Portanto, quaisquer que sejam as reservas e as interrogações deste gênero quanto ao manual de Erasmo devemos ressaltar sobretudo o espírito novo de suas idéias e a importância decisiva de suas escolhas, principalmente se o compararmos com qualquer um dos programas medievais.

Estes, segundo Mecenias Dourado⁴¹, centravam sua educação na leitura de compilações que agrupavam extratos de Varrão, Virgílio, Cícero, Salústio, Celso, Valério Máximo, Catão, Ovídio, Macróbio, Epicuro, Apuleio, Plotino, Teofrasto, do Talmud, de Plauto, Terêncio, Sêneca, Simaco, Hildebert de Mans, Claudiano, Prudêncio, Empédocles, Diógenes, Estácio, Lucano, Rufino, Horácio, S. Bernardo, S. Agostinho... E tudo isso na desordem de 355 folhas de um manuscrito de pequeno formato marcado pela superabundância de autores cujos fragmentos eram escolhidos sem nenhum critério e que não dariam, de forma alguma, oportunidade para o florescimento nem do espírito crítico nem da capacidade criativa.⁴²

Temos, portanto, de pensar o *Rationne studii* como um manual que dialoga e se opõe diretamente à esta tradição absolutamente restritiva, se comparada com o amplo saber pregado pela pedagogia humanista. Face a este tipo de ensino que era ministrado com base em compilações que reuniam, sem critério, fragmentos de autores de todo tipo sem

ainda pelos participantes da Assembléia de Valladolid, reunidos para condenar as heresias dos textos erasmianos, criticando, entre outros aspectos, as diferentes obras onde o humanista expunha seus novos projetos para a educação moderna.

⁴¹ Dourado, Mecenias, op. cit., p. 25.

⁴² O autor cita ainda outros exemplos que compunham a pedagogia medieval como o *Mametrectus*, que fazia o comentário da Bíblia inteira; o *Legenda Santorum*, sobre vários sermões, antifonias e hinos, com algumas notas sobre os meses hebreus, indumentária eclesiástica e outros assuntos semelhantes para uso dos discípulos da Igreja; o *Catholicon*, um dicionário muito usado pelos teólogos, cuja segurança na etimologia das palavras não era garantida; o *Ebrardus*, que era ao mesmo tempo vocabulário e gramática; o *Cornutus*, composto de dísticos que deviam ser aprendidos de cor, ensinando ainda a significação das palavras de bom emprego entre gente culta, e outros, sendo uma característica comum entre todos esses trabalhos o "pedantismo e a barbaria". Idem, pp. 25-30.

nenhuma atenção para o estilo e os ornamentos do texto nem as palavras, sem, enfim, uma concepção que valorizasse a linguagem enquanto criação da razão humana, Erasmo estabelecia novas bases para o saber onde o domínio da variação das formas e dos exemplos nos escritos antigos é fundamental num contexto ideológico que privilegia a formação de julgamentos críticos e ativos socialmente.

Quintiliano afirma, num trecho bastante influente do livro X de sua *Institutio Oratoria*, que um orador deve tentar dominar três *scientiae* além da própria retórica, que seriam a poesia, a história e a filosofia moral. Em seguida, ele fornece uma lista de autores especialmente dignos de estudo em cada uma dessas disciplinas. Entre os poetas ele cita Homero e Virgílio; entre os historiadores, Tucídides e Heródoto, ao lado de Salústio e Tito Lívio, entre os romanos; e, em se tratando de filosofia moral ou cívica, acrescentara sem hesitação que, “Cícero, que se destaca em todas as formas de produção literária, consegue, nessa forma, rivalizar até com o próprio Platão.”⁴³ Segundo Skinner, foi essa visão romana dos *studia humanitatis* que a grande maioria dos teóricos educacionais do Renascimento procuraram fazer reviver.⁴⁴ E se compararmos esta lista com a de Erasmo veremos que apenas os historiadores Tucídides e Tito Lívio não fazem parte da sua seleção, pois o humanista não destaca esta categoria em separado, preferindo aqueles autores cujo atrativo na leitura poderiam seduzir mais facilmente os alunos. A seleção de Erasmo, de qualquer modo, seria adotada por inúmeros outros manuais da época. Vives, por exemplo, que dá prosseguimento a muitas das temáticas tratadas pelo humanista, sobretudo aquelas relativas à educação, ao final do seu *Tratado de la Enseñanza (De tradendis disciplinis)* afirma que devemos concentrar-nos nas obras em que encontramos o saber exposto da maneira mais direta, ou seja, nas grandes obras da Antigüidade.⁴⁵

Erasmo valorizou ao longo de sua vida as obras dos antigos, tanto editando-os quanto traduzindo-os (como fez com as obras de Plauto, Terêncio, Platão, Plutarco, Cícero, Sêneca e Luciano), pois acreditava nos modelos de ética e de moral por eles fornecidos. Entre muitos exemplos de seus esforços no campo pedagógico, podemos citar os *Adágios*, onde ele deseja não apenas suprir seus leitores com os rudimentos da educação clássica,

⁴³ Quintilien. *Institution Oratoire*, livro X, 1. 123.

⁴⁴ Skinner, Q. *Razão e Retórica na Filosofia de Hobbes*, pp. 41-48.

⁴⁵ Vives, Juan Luis. *Tratado de la Enseñanza; Introducción a la Sabeduría; Escolta del Alma; Diálogos; Pedagogía Pueril*. México: Editorial Porrúa, 2004.

mas também chamar-lhes a atenção para a forma desses textos, favorecendo o aprendizado e, sobretudo, a aplicação prática desses conhecimentos nas suas próprias vidas. Nessa obra, publicada pela primeira vez em 1500, (muito antes da elaboração de seus textos mais teóricos), ele já sustentava uma ética da busca da interpretação mais apropriada para a vida cristã, estando mais interessado não no produto da interpretação, a ser dogmatizado como verdade, mas sim no processo e no esforço analítico, enfim, na liberdade de pensamento e na crítica, frutos do aprendizado liberal. É a partir dessa motivação e do uso prático que Erasmo faz do aprendizado que pretendemos analisar seu modelo curricular.

Uma vez que aprendesse as gramáticas grega e latina, o humanista dizia preferir que a criança fosse iniciada na arte da conversação, devendo dedicar-se a aprender a falar as línguas antigas como línguas vivas, sendo esta a terceira etapa educacional que deveria cumprir. Preocupava-se tanto com a pronúncia quanto com a gramática, cujo significado podia ser alterado ao longo do tempo, procurando devolver à língua a sua pureza e a sua dimensão histórica. Tendo adquirido a capacidade de falar, senão exuberante, pelo menos convenientemente, é necessário que o aluno se volte em seguida para a compreensão das coisas, ou seja, da matéria de seu discurso. Este é o 4º passo a que devia se dedicar assiduamente o aluno.

Embora os escritores que nós lemos para polir a nossa língua nos forneçam um conhecimento das coisas mais que mediano, é necessário de modo sistemático perguntar quase toda a ciência das coisas aos autores gregos. Pois, onde poderíamos colhê-las mais puramente, mais rápido ou mais agradavelmente senão nas próprias fontes?⁴⁶

Então, para que “possamos colher mais cedo os frutos mais copiosos dos autores nos quais afirmo ser necessário buscar a riqueza da língua, eu gostaria que lêssemos com aplicação Lorenzo Valla.”⁴⁷ Para cumprir esses preceitos devidamente torna-se necessário um preceptor cuja tarefa seja a de fazer com que os alunos aprendam o que é importante em cada autor por meio de exemplos, ao mesmo tempo em que se exercitariam escrevendo pequenos trabalhos, que consistiam basicamente na cópia de breves textos que contivessem algum episódio histórico e mitológico.

⁴⁶ Erasme. *Rationne studii*, p. 230.

⁴⁷ Idem, p. 230.

A prática, da mesma forma, era uma das formas mais eficientes de fazer com que o aluno apreendesse realmente a erudição dos antigos, a parte mais sofisticada de sua arte, em sentenças e palavras raras, sendo esta a 5ª etapa do programa do *Rationne studdii*. Ele acrescenta ainda o fato de que cabe ao mestre louvar seus alunos quando eles dizem qualquer coisa exata e lhes corrigir quando eles erram, sendo desta forma que eles se habituariam a discorrer com atenção e cuidado.

Assim, munido de tudo isso, no curso da leitura dos autores devemos observar atentamente toda palavra importante, todo arcaísmo ou neologismo, todo argumento finamente inventado ou habilmente adaptado, toda beleza rara do estilo, todo adágio, toda sentença digna de ser confiada à memória.⁴⁸

A 6ª etapa consistia no estímulo que devia ser dado à memória. Nos tratados antigos o exercício da memória era de importância decisiva para a boa eloquência, por esse motivo, algumas obras como o *Ad Herennium* e o *Institutio Oratoria* de Quintiliano se detinham com mais cuidado sobre essa questão. A natureza do tratamento bastante breve que Erasmo concede ao tema em seu *Rationne studii*, é um ponto sobre o qual devemos nos deter um pouco para compreendermos melhor o sentido da revolução educacional que propunha. A grande mudança ocorrida nas escolas e universidades da Renascença, como ressalta Garin⁴⁹, foi muito mais profunda do que a simples substituição dos manuais escolásticos pelos manuais humanistas, pois os textos destinados a serem fixados pela memória, geralmente com a ajuda de um elemento rítmico e de fórmulas para sua aplicação mecânica, vão ser substituídos por um grande número de fontes clássicas cuja memorização no sentido medieval seria impossível. Portanto, este autor destaca que um dos pressupostos mais importantes da reforma educacional é a substituição do aprendizado calcado na memorização e nos comentários dos textos, por outro relacionado à apreensão dos conteúdos e à produção de novos textos.

Com isso não queremos dizer que os escolásticos não se preocupassem com disciplinas como a ética e a filosofia moral⁵⁰, ou até mesmo com a oratória, por lidarem

⁴⁸ Ibidem, p. 231.

⁴⁹ Garin. *L'Éducation de l'Homme Moderne*, p. 22.

⁵⁰ De acordo com Jerrold Seigel, uma questão fundamental para o programa do humanismo renascentista - opondo-se ao sistema escolástico - foi o desejo de combinar eloquência e sabedoria, para unificar filosofia e retórica. Cf.: Seigel. "Ideals of Eloquence and Silence in Petrarch" in: *Renaissance Essays*. (Library of History of Ideas) New York: University of Rochester Press, 1983, vol. 2, p. 12.

quase que exclusivamente com os textos antigos reunidos em fragmentos escolhidos muitas vezes de forma aleatória. O fato é que eles se apropriavam desses conhecimentos, subordinando-os aos seus próprios objetivos; a filosofia moral, por exemplo, instituída a partir do aristotelismo da escolástica, na primazia da vida contemplativa, considerava a eloquência como um obstáculo à filosofia. Na cultura da Renascença, pelo contrário, informada pelas obras de Cícero, a prescrição para a verdadeira filosofia moral e genuíno espírito cristão estava na reunião entre a sabedoria e a eloquência, para torná-la efetiva na vida dos homens.

Outra peculiaridade do ensino escolástico medieval é que todo seu método de ensino é baseado na leitura dos textos, havendo, de um lado, os autores que possuem valor próprio e têm sua autoridade reconhecida e, de outro, os leitores, que são os mestres que ilustram as sentenças dos autores, expondo de modo mais detalhado seus argumentos. Os mestres, neste caso, são apenas leitores e nunca autores. Este conceito, segundo Gumbrecht⁵¹, surge apenas no Renascimento, no âmbito da qual, para relembrarmos, foi possível o desenvolvimento de um ideário de valorização plena da criação humana, sendo nesse momento que o autor ganha a dignidade da criação da obra, emprestando a ela toda a força de suas capacidades. Do mesmo modo que, ao contrário, no contexto medieval, ensinar consistia somente em ler e comentar um conteúdo cuja essência estava dada, em função da verdade transcendente de Deus. Assim, aquele que aprendia era automaticamente privado da criação sendo seu aprendizado limitado à produção de questões (*quaestio*) sobre as passagens mais espinhosas, a serviço da enunciação dos dogmas e da resolução de conflitos em torno dos mistérios divinos da Bíblia.

A cultura renascentista, por sua vez, não concebia mais o processo do conhecimento de forma passiva, como definitivo e imutável (*a priori* da investigação dado somente à contemplação), procurando tornar os homens capazes de agir, de descobrir e de conhecer, pois a condição humana, de acordo com a crença humanista, não era fixada essencialmente pela mancha do pecado, mas podia sim ser aperfeiçoada através do conhecimento e do cultivo das virtudes. Desta forma, como aponta Garin, o acento que se coloca com insistência sobre o tema dos *studia humanitatis* e da formação do homem, constitui um dos motivos dominantes dessa nova cultura na qual os autores e seus exemplos

⁵¹ Gumbrecht. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

vão assumir uma singular importância. Na base dessa nova maneira de educar, havia fundamentalmente a preocupação de formar a juventude e de ajudá-la a estimular suas próprias energias naturais, sem a condicionar, limitando sua ação no interior de uma moldura rígida e de fórmulas dogmáticas. As noções gramaticais e léxicas puramente memoriais, assim como os manuais elementares são reduzidos tanto quanto possível, neste novo contexto, pois o objetivo agora é ascender os próprios modelos antigos, e como que recriá-los. E, deste modo, os autores se transformaram em objeto de uma pesquisa contínua, não apenas por se constituírem como paradigmas de expressão, mas como fontes autênticas do saber.⁵²

Com a necessidade de se respeitar a liberdade e individualidade do aluno o mestre deve dirigir seu espírito de uma maneira radicalmente oposta portanto ao método escolástico, fundado essencialmente sobre a memória e sobre a repetição interminável de fórmulas ou receitas prontas. Com o pouco destaque que Erasmo concedia à memória em seu tratado, enunciava, na verdade, uma tópica cara às noções humanistas, opondo o artificialismo das técnicas mnemônicas ao desenvolvimento natural do intelecto e das capacidades próprias do juízo do aluno⁵³. Assim, segundo ele, uma seleção entre os nomes, os fatos e as noções indispensáveis ao exercício da boa argumentação se operará naturalmente, podendo ser facilitada por pequenos "sinais não apenas variados, mas especializados a fim de que sejam reconhecidos no primeiro golpe de vista", inscritos nas margens dos manuais ou nos cadernos dos alunos. Entretanto, segundo Erasmo:

Embora eu não conteste que a memória possa ser ajudada pelos lugares e pelas imagens, a melhor memória repousa sobre três pontos principais: a compreensão, a ordem e o cuidado; porque cabe à memória ter compreendido a coisa a fundo.⁵⁴

Quanto a esta alusão do humanista aos lugares e às imagens da memória, podemos reconhecer um distanciamento seu também em relação a Cícero. Ao fim do segundo livro do *De Oratore*, com efeito, o orador mostrava a importância crucial da arte da memória como atributo indispensável para a realização da eloquência ideal. As técnicas de

⁵² Idem, p. 28-29.

⁵³ Sobre a enunciação desta contraposição fundamental, ver por exemplo os ensaios *Da Presunção* e *Dos Mentirosos*, respectivamente décimo sétimo e décimo oitavo do segundo volume dos *Ensaíos* de Montaigne.

memorização dos temas e formas dos discursos através do recurso à abstração das imagens e dos lugares permitiam a excelência do desenvolvimento da memória natural do homem como num processo mecânico. O orador deveria formar imagens das coisas de que desejasse lembrar-se e depois ordenar essas imagens em diversos lugares. Deste modo, a ordem dos lugares conservaria a ordem das coisas. Já no tratado de Erasmo a memória era um ponto menor, porém, não indigno de ser aconselhado fornecendo uma ajuda importante para as coisas cuja rememoração é tão difícil quanto necessária (como os lugares geográficos, as figuras de gramática, as genealogias ou coisas parecidas); portanto devemos escrevê-las de forma concisa em quadros suspensos na parede dos quartos, afim de tê-los diante de nossos olhos mesmo quando não prestamos atenção⁵⁵. No contexto humanista, de larga difusão das obras dos antigos, das novas técnicas da imprensa e da emergência de grandes escolas e bibliotecas, a memória não podia ter tanta utilidade quanto para os antigos, que concebiam o estudo da eloquência sobretudo no âmbito da oralidade e não da escrita, ou seja, no âmbito da ação imediata do orador nas questões do fórum e das assembléias. A parte disso, o imperativo erasmiano da transformação do espírito sob o cultivo de uma fé intensa, centrada nos poderes da razão e da virtude combinava pouco com a primazia do acúmulo de saberes, prática própria aos autores de seu tempo, que buscavam a glória pública na exibição de uma erudição oca. Estes, do ponto de vista do pensamento de Erasmo, pouco se diferenciavam dos teólogos medievais, cuja religiosidade, pautada na contemplação, se beneficiava da centralidade da memória como processo de conhecimento⁵⁶, pela qual a ação crítica se paralisava para dar lugar à acumulação de assuntos numa repetição mecânica e verbal para a plena interiorização dos dogmas e postulados da tradição.

Entretanto, o fator mais importante quanto a este tema, segundo o *Ratio* é que: o que queremos lembrar deve ser lido atentamente e muitas vezes, assim como recitado com frequência, para que, se alguma coisa nos escapar, nós possamos recuperá-la. A pedagogia erasmiana ressaltava a dedicação e o esforço do aluno, a utilidade do estudo e a conjunção

⁵⁴ Erasmo. *Rationne studii*, p. 231.

⁵⁵ Idem, p. 232.

⁵⁶ Sobre a função da memória na pedagogia medieval, ver: Mecenaz Dourado, op. cit., p. 33. Citamos também o excelente livro de: Yates, Francis. *El Arte de la Memoria*. Madri: Taurus, 1974. Cf.: Carruthers, Mary. *Machina Memorialis: Méditation, Rhétorique et Fabrication des Images au Moyen Âge*. Paris: Éditions Gallimard, 2002.

entre uma educação moral e a formação intelectual, pois sua educação liberal é fundada sobre o exercício de julgamento pessoal, no desenvolvimento das faculdades naturais, assim como na prática de uma imitação que deve ser cultivada principalmente nos primeiros anos do aprendizado, mas que num estágio posterior não seja escrava dos modelos antigos, dando lugar à imaginação e à capacidade criativa do aluno. De modo geral, como dissemos, se este programa valoriza o estudo da gramática como uma disciplina útil e mesmo indispensável, está fundado também sobre uma prática cotidiana, sobre os exercícios da escrita e da conversação, e não sobre uma teorização fechada e autosuficiente da arte de escrever ou de um sistema de pensamento. Desta forma, recorrendo mais aos exemplos contidos nos textos antigos que a longas definições abstratas, a maior parte das figuras de retórica (amplificação, comparação, metáfora, gradação, prosopopéia, entre outras) pode ser compreendida pelos mestres e pelos alunos pelo exercício feito por eles próprios na escrita de frases e ou de pequenos ensaios que utilizavam essas figuras, que ficaram assim gravadas nos espíritos daqueles que imitaram suas fórmulas. Seria essencialmente na prática e na dedicação dos alunos que estariam pautadas as regras principais do manual humanista.

Distanciando-se, portanto de maneira fundamental da forma pela qual a arte da memória foi elaborada na Idade Média e da primazia que tinha entre os antigos, Erasmo aponta outra direção para a educação, valorizando a compreensão, a interpretação e, daí, a assimilação. "Essa é, na sua expressão mais simples e fundamental, toda a revolução da pedagogia do Renascimento propugnada eficazmente, entre outros, por Erasmo.⁵⁷" Em um pequeno colóquio publicado em 1529, chamado *Ars notaria*, Erasmo esboça a sua opinião sobre a arte de memorização, que, segundo a crença de seu interlocutor, tornaria possível o aprendizado de todas as ciências liberais sem o menor esforço.

Desiderius. - O que continha o livro [da ars memorandi]? Erasmus. - Diferentes figuras de animais, como dragões, leões, leopardos, diversos círculos onde estavam escritos palavras em línguas diferentes; grega, latina, hebraica ou bárbara. Desid. - Em quantos dias o método do trabalho prometia o conhecimento das ciências? Erasm. - Em quatorze dias. Desid. - Essa promessa é certamente magnífica; mas você conhece alguém a quem essa arte mnemônica

⁵⁷

Idem, p. 34.

tenha feito sábio? Erasm. - Não. Desid. - Ninguém jamais viu nem jamais verá, a menos que vejas alguém se enriquecer pela alquimia.⁵⁸

Margolin⁵⁹ ressalta que entre os séculos XIV e XVI a *ars memorandi*, tornou-se uma técnica esotérica muito próxima das fórmulas e regras da magia, da cabala e da astrologia, disciplinas estas, pelas quais Erasmo e alguns de seus amigos não demonstraram a menor simpatia, se recusando em assimilar os princípios destas "ciências". Dando total descrédito a essa arte mágica que prometia o conhecimento das ciências em apenas 14 dias, em seu *De pueris instituendis (A Civilidade Pueril)*, também de 1529, tratando de questões inerentes ao aprendizado real como o rápido esquecimento das coisas aprendidas pelos alunos, Erasmo aconselha-os sobre qual seria então a técnica para se ter uma boa memória.

É preciso fechar a fenda para que nada se perca.... [No entanto, ela não seria fechada] nem com espuma e nem com gesso, mas com trabalho. Aquele que aprende as palavras sem compreender seu significado as esquecerá rápido... De fato as palavras, como diz Homero, são aladas; elas levantam vôo facilmente se os pensamentos não lhe servem de contrapeso. Aplique-se então de início a bem compreender o que tu lês, depois examine em tudo o sentido e repasse-o para tu mesmo de vez em quando: é nisso que tu deve aplicar seu espírito, a fim de acostumar-se a refletir a cada vez que for necessário.⁶⁰

Erasmo no *De pueris* não conhece outra arte mnemônica que não seja aquela baseada no trabalho, no amor ao estudo e na assiduidade. Com estas etapas estipuladas brevemente pelo *Rationne studii* o aluno é introduzido nas questões iniciais da retórica ao estudar as figuras de estilo e os tipos de discurso. Da mesma forma que os exercícios escritos que acompanham as explicações dos textos constituem um prelúdio ao estudo aprofundado da retórica (desenvolvido no *De copia*), os autores escolhidos pelo aluno ou pelo preceptor, também servem de modelos para os oradores iniciantes imitarem. Para Erasmo o conhecimento da linguagem, da gramática e dos exemplos deixados pelos autores clássicos daria aos estudantes a liberdade de formular seu pensamento com facilidade e exatidão. Já aqueles que não tiveram o devido cuidado com as palavras passariam uma impressão de verbalismo, por isso, a prioridade dada pelo humanista à palavra simboliza sua opção pelo orador em oposição ao filósofo, pelo professor de retórica em oposição ao dialético, ou se preferirmos, pelo humanista em contraste com o teólogo escolástico.

⁵⁸ Erasmo, "Ars notaria" apud Margolin, Jean Claude, *Histoire de la rhétorique...*, idem, p. 238.

⁵⁹ Idem, p. 237.

No *De copia*, que passaremos a analisar, podemos notar de forma mais clara a importância atribuída por Erasmo ao conhecimento das regras da *elocutio*, sendo através de sua apreensão que o estudante poderia ornar um bom discurso, mediante a escolha refletida entre os recursos de que dispunha. Erasmo tentou estabelecer também neste manual algumas regras técnicas para a invenção, mas o caráter livre da sua produção é, por consequência, irredutível à elaboração de fórmulas exatas e imutáveis que não deixem o espaço necessário para a criatividade e a inventividade dos alunos formados nas disciplinas liberais. Segundo Eugênio Garin⁶¹, educar para esses humanistas não significava formar um rígido programa pedagógico, mas, ao contrário, liberar as potencialidades naturais dos indivíduos.

O *Ratione studii* é um breve ensaio, escrito às pressas como o humanista mesmo diz, onde ele procurou evidenciar a importância da variação dos autores clássicos, a busca pela compreensão do significado de suas obras através do entendimento de algumas figuras de retórica e do exercício constante, preocupando-se, sobretudo, com a formação do espírito. Com isso, Erasmo dá prosseguimento ao seu projeto de reforma educacional, aprofundando sua análise sobre as questões relativas à retórica no *De duplici copia verborum ac rerum*, publicado em 1512.⁶²

5.2) O *De duplici copia verborum ac rerum*⁶³

Erasmo escreveu o *De Copia* a pedido de John Colet, fundador em Londres do Colégio de São Paulo, em 1508, "onde sob orientação dos melhores professores, a juventude britânica desde tenra idade se impregna ao mesmo tempo de Cristo e das

⁶⁰ Erasmo. *Civilidade Pueril*, p. 86.

⁶¹ Garin, op. cit., p. 103.

⁶² Foi Josse Bade quem, em julho de 1512, publicou em Paris a primeira edição do *De duplici Copia*. Erasmo parece não ter ficado satisfeito com esta edição e, em 1514, aparece uma segunda versão desta obra, impressa em Estrasburgo, e acompanhada agora de suas *Parabolaes*.

⁶³ Utilizaremos aqui a versão traduzida para o inglês por Donald B. King e H. David Rix do *De duplici copia verborum ac rerum*, de Erasmo. Cf.: Erasmus, Desiderius. *On copia of Words and Ideas*. Wisconsin: Marquette University Press, 1963. Ao longo do texto, em vez de usarmos o título traduzido para o inglês priorizaremos seu título latino, recortando-o para *De Copia*.

melhores letras”⁶⁴, como diz o humanista no prefácio deste trabalho. Erasmo enfatizava o pioneirismo de Colet, sendo o primeiro diretor do Colégio - o primeiro estabelecimento desse tipo a introduzir o grego como disciplina regular no ciclo de estudos - o ideal humanista de ensino, conciliando harmoniosamente as artes liberais com o estudo cristão.

Devido a amizade que cultivavam desde a primeira viagem de Erasmo para a Inglaterra⁶⁵, em 1499 (sendo Colet um dos seus principais incentivadores no aprofundamento dos estudos bíblicos) o humanista escreveu vários trabalhos para suprir este Colégio de material pedagógico adequado às novas propostas educacionais, difundidas dali, para os países da Europa do Norte, que tinham como objetivo estimular os alunos no aprendizado da gramática, dos autores antigos de seu estilo e de seus exemplos em associação com os pressupostos da disseminação da "filosofia cristã". Erasmo enviou o *De Copia* para que Colet analisasse seu conteúdo em setembro de 1511. Após recebê-lo, o humanista o aprovou imediatamente dizendo:

Eu li rapidamente sua carta sobre os Estudos, pois minhas ocupações não me permitiram lê-lo com vagar. No curso de minha leitura não somente eu aprovei tudo, mas admirei seu espírito e sua arte, sua ciência, sua abundância, e sua eloquência. Eu desejei por várias vezes que as crianças de minha escola fossem formadas segundo o método que tu descreves como desejável. Eu mesmo desejei diversas vezes que os professores fossem como aqueles que tu descreves tão sabiamente.⁶⁶

Além dos elogios ao texto, Colet também reafirmou seu convite para que Erasmo desse aulas em seu Colégio e ele próprio ensinasse aos alunos o método mais fácil para o aprendizado do latim e do grego, pois, enquanto o manual erasmiano prometia ensinar estas línguas num curto espaço de tempo, sendo priorizados os interesses pessoais dos alunos na escolha dos autores, as gramáticas medievais mal os fazia balbuciar tais línguas.

É nesta direção que o pensamento de Erasmo caminha de modo cada vez mais explícito, aprofundando as tendências já esboçadas no *Antibárbaros*, onde ele afirma va,

⁶⁴ Idem, ver prefácio.

⁶⁵ Segundo Halkin, Erasmo passou vários períodos na Inglaterra entre os anos de 1499 e 1517, mantendo amizades com humanistas como Thomas More, John Colet, Willian Grocyn, Thomas Linacre, Tunstal e Willian Latimer; sendo todos eles personalidades que, fortalecendo sua educação com os mestres italianos, exerceram forte influência no florescimento dos estudos humanistas em Oxford. Léon-E. Halkin. *Erasmo entre Nosostros*. Barcelona: Editorial Herder, 1995, pp. 57-78.

⁶⁶ Carta de John Colet à Erasmo, escrita em Londres em fins de setembro de 1511, carta 230 In *Correspondance d'Érasme*, op. cit., p. 443-444.

como já vimos, a extrema importância da excelência da formação do espírito nos estudos das boas letras, para que o homem se fizesse digno de abordar as Santas Escrituras, pois fazê-lo, segundo ele "de pés e mãos sujos é quase uma espécie de sacrilégio. E quanto mais insolente é o proceder de quem sem os primeiros se atrevem as segundas!"⁶⁷ Assim, a adequação humana dentro dos limites naturais de sua razão e seu aprofundamento no estudo da linguagem como campo próprio de seu conhecimento era um movimento fundamental para a aproximação com Deus, no uso do estudo das línguas antigas e da retórica para tornar mais viva e persuasiva a mensagem divina passada diretamente aos homens, por meio da Palavra. Para explorar ainda mais estas questões, inicialmente abordadas de forma indireta em obras como o *Antibarbarie*, os *Adágios* e os *Colóquios*, Erasmo elabora os dois manuais pedagógicos, publicados em 1511 e 1512: além do *Rationne studii* (que tratamos no item anterior) o *De Copia*, obra mais extensa, da qual passaremos a analisar agora.

Em seu primeiro manual o humanista procurou desenvolver as faculdades inventivas e criativas dos alunos, destacando a importância não apenas do conhecimento dos autores pagãos, como também a relevância de sua variação; pois, ainda que alguns autores tratassem dos mesmos temas, seria relevante tanto para os mestres quanto para os alunos que o acesso a exemplos diversificados do uso de lugares e figuras de linguagem, de diferentes tipos de estilos, fosse plenamente viável e que compreendessem ao mesmo tempo a forma particular de cada autor em desenvolver a sua argumentação. No *De Copia* o princípio da variação é explorado com mais profundidade, pois, nesse tratado, Erasmo o analisa em seus preceitos básicos, nas figuras gramaticais mais importantes, assim como nas várias formas de se exprimir uma idéia, cuidando especificamente da diversidade de significados que pode ser atribuído a uma única palavra ou expressão e das várias possibilidades que pode adquirir a linguagem em contextos diferenciados. De acordo com Jean-Claude Margolin:

Erasmo enquanto retórico e pedagogo procura inicialmente a 'varieté' como um músico que compõe diversas variações sobre um tom dado, ou muda de um instrumento para outro, se arriscando a alterar o ritmo da melodia (...), pois, tanto ele quanto os mestres aos quais ele destina seu trabalho, querem ensinar a riqueza e a maleabilidade da linguagem a partir do uso de boas fontes,

67

Erasmo. *Enquiridion*, p. 73.

mas que eles a alcancem igualmente em função das suas necessidades e segundo seu gênio próprio.⁶⁸

Tal como no *De Rationne*, no *De Copia* Erasmo enfatiza a união entre *verba* (palavra) e *res* (coisa), pois, a dependência estrita do conhecimento das coisas e do conhecimento da linguagem e de seus recursos, era traço essencial de seu pensamento, voltado para as prerrogativas e interesses próprios do homem. Se inspirava no grande exemplo de Cícero, que imortalizara em suas obras este ideal da união entre *res* e *verba*, procedendo também tal como ele, contudo, tratando dos dois temas de modo dualista. É que Erasmo mantinha a reverência à tradicional concepção que analisava separadamente a palavra e seu significado, acreditando ser uma forma mais didática de explicá-las. Contudo, apesar de ser uma condição fundamental a associação entre *verba* e *res*, no *Rationne* o humanista já dava claramente prioridade para as palavras, a fim de estabelecer a base inicial da educação na instrução da gramática latina e grega no contexto humanista.⁶⁹

Ainda que ele não se questionasse, como nos lembra Richard Waswo⁷⁰, sobre a forma como se deveria passar do conhecimento das palavras para o conhecimento das coisas, isto não retirava a relevância de seu tratamento desta questão, mas expressava antes, a originalidade de sua abordagem, pois, ele não estava interessado em escrever uma investigação teórica tal como faziam Agricola, Valla e Vives, estando sempre mais preocupado com o sentido prático e com os usos imediatos e correntes da linguagem escrita. Seus objetivos associavam-se ao pressuposto antigo de que um bom desenvolvimento do estilo dependia de uma grande variedade de modelos e modos de ornamentação verbal e procedimentos argumentativos, adequados, porém, plenamente à sabedoria prática de seu uso de acordo com o senso comum e a multiplicidade de suas circunstâncias na vida cotidiana. Por essa preocupação mais expressa com o caráter ativo de seus preceitos, os argumentos por ele afirmados foram aqueles que definiram o humanismo: pragmático, filológico, pedagógico e ético. Assim, sua formulação no *De Copia* foi responsável pela maior disseminação da união entre *res* e *verba*, oriunda de Cícero e Quintiliano, na Renascença.

⁶⁸ Jean-Claude Margolin. "Apogée de la rhétorique humaniste" in: *Histoire de la Rhétorique dans l'Europe Moderne*, p. 221.

⁶⁹ Também no *Elogio da Loucura* Erasmo mantém sua tradicional concepção das relações separadas entre palavra e significado.

Mas, se, podemos notar nesta obra um tratamento mais amplo da *res* do que no *Rationne*, não deixamos de perceber, por outro lado, que mesmo neste contexto (e especialmente no Livro II, em que se dedica mais à *res*), o destaque da *elocutio* supera o da *inventio*. O que prevalece de fato é a fórmula: “o que a roupa é para o corpo, o estilo é para o pensamento” ou, então a que afirma: “devemos escolher nossas palavras com o mesmo bom gosto com que exibimos nossos adornos corporais, decoramos nossas casas e preparamos nossa mesa de refeições.”

5.3) As origens e os usos da copia

Tanto Cícero quanto Quintiliano em suas obras, representaram a grande extensão semântica do termo *copia*, significando com ele não apenas a abundância de *res* e de *verba* (coisas e palavras) na boa eloquência, mas também designando o conjunto de técnicas do orador, responsável pela organicidade dos dois âmbitos, assim como os modos de armazenamento de todos os seus recursos, tema que é objeto de um estudo detalhado no Livro X das *Institutio* de Quintiliano.

Cícero em seu *Orator*, por exemplo, associava a *copia* à abundância do discurso rico, fértil, próprio do estilo grandiloquente, por considerá-lo como o mais alto na hierarquia dos três estilos, sendo a expressão mais digna das virtudes do bom orador, ou seja da realização mais plena de sua arte, na união entre *res* e *verba*.⁷⁰ Cícero e Quintiliano empregaram a *copia* num contexto de dualidade entre as coisas (*res*) e as palavras (*verba*). Na retórica clássica *res* estava associada ao cultivo da *inventio*, enquanto a *verba* compreendia não apenas as unidades léxicas como os sinônimos, mas também os tropos e outras figuras verbais, sendo a *elocutio* o seu domínio. Ainda que com campos diferenciados e independentes, a combinação entre a *copia rerum* e a *copia verborum*, era fundamental para a realização de um bom discurso.

⁷⁰ Waswo, R, op. cit., p. 216.

⁷¹ Ciceron, *El Orador*, 99.

A definição tão explorada por Quintiliano em suas *Institutio Oratoria*⁷² da *copia* não como quantidade expressa, mas como reserva de argumentos e preceitos inspiraria de perto a noção de Erasmo, embora este não a ligasse, como Quintiliano à valorização da memória⁷³. Para ele, a *copia* significava sobretudo, o material abundante sobre o qual se exerceria o livre juízo e o bom uso por parte do orador em seus discursos. Tratava-se de uma sabedoria própria de sua arte, que concedia virtude à *copia* mediante a boa escolha entre os vários estilos, palavras, figuras de linguagem, tropos, ornamentos ou coisas de acordo com as conveniências de cada caso e matéria. Cabia então ao aluno ou ao mestre, sublinhava Erasmo, escolher falar com concisão ou abundância, na medida em que tinha à sua disposição uma grande quantidade de exemplos, extraídos das grandes obras dos antigos. Deste ponto de vista, tanto o estilo conciso como o estilo abundante e grandiloquente, tão caro a Cícero, possuíam o mesmo valor, atestando a dignidade da arte do orador. Assim, apesar de não concordar com este na definição da virtude mais alta do bom discurso dada pelo estilo mais abundante, Erasmo concedia à *variatio*, tal como fizera Cícero, um papel crucial na sabedoria própria à boa eloquência. De fato, é a variação que se destaca no *De oratore* quando emerge a questão sobre qual é o homem capaz de fazer estremecer uma assembléia? Segundo ele, o homem capaz de atingir este objetivo tão elevado é aquele:

Cujo estilo é variado, claro e abundante, que sabe colocar em evidência pensamentos e palavras... Quem sabe dispor sua elocução a partir de considerações de circunstâncias e de pessoas merecerá ser louvado por esse gênero de mérito que eu chamo de justeza e de conveniência.⁷⁴

Em relação à concisão das palavras, quem falará mais brevemente do que aquele que sabe escolher entre um grande número de palavras, entre os mais diversos gêneros de figuras, aqueles que são mais apropriados para se obter a concisão? Do mesmo modo, no que concerne à densidade do pensamento quem estará mais apto a exprimir uma idéia com o menor número de palavras possível do que aquele que sabe pelo estudo e pela prática quais são os pontos fundamentais da causa tratada, quais são aqueles de menor importância e quais são aqueles que podem ser utilizados para enriquecer o objeto tratado?

⁷² Quintiliano, *Institution Oratoire*, X, V, 6.

⁷³ Cave, T. op. cit., p. 35.

Para Erasmo, portanto, é característico do mesmo artista tanto falar copiosamente quanto concisamente pois, se é verdade o que dizem “Platão e Sócrates, a habilidade de mentir e de falar a verdade são talentos inerentes ao mesmo homem, nenhum artista poderá tornar o discurso conciso melhor do que aquele que tem a habilidade para enriquecê-lo.”⁷⁵ Devido a importância desse ponto ele retorna a ele com frequência em seu tratado, especialmente no sexto capítulo do Livro I, onde sublinha a necessidade de se evitar o mau uso da concisão, assim como da realização da *copia* de forma tola.

Aqueles que se inclinam de modo inepto ao laconismo podem empregar poucas palavras: nessas poucas palavras, entretanto, muitas, para não dizer todas, são supérfluas. Pelo contrário, aqueles que desajeitadamente expõem sua abundância, dizem, de qualquer modo, muito pouco ao falarem sem medida, porque manifestamente eles omitem muitas coisas que deveriam ser ditas.⁷⁶

Portanto, para o humanista, era fundamental não confundir abundância com verbosidade e concisão com pobreza, *secura* do estilo.

Logo adiante atentava para o fato de que a *copia* é dupla: há a *copia* das palavras (*copia verborum*) e *copia* das coisas (*copia rerum*). É comum entre os comentadores a tradução de *res* por idéia ou pensamento, como fazem Jean-Claude Margolin⁷⁷, Jacques Chomarat⁷⁸, Donald King e David Rix, (sendo os dois últimos os tradutores e comentadores da edição que utilizamos do *De Copia*). No entanto, preferimos antes seguir a tradução de *res* como coisa, objeto, como propõe Terence Cave⁷⁹. Segundo ele, as *res* não surgem do espírito tal como as idéias espontâneas, elas estão já engastadas na linguagem, formando o material do exercício de escrita. Portanto, o estudo da *copia rerum* (ao qual Erasmo se dedica no livro II do *De copia*, explorando a noção quintiliana de “tesouro”) encontra seu coroamento em um método de imitação onde não é a realidade que se imita, mais os

⁷⁴ Cícero. *De L'Orateur*, op. cit, livro III, XV, 53.

⁷⁵ Erasmus. *On Copia of Words and Ideas*, livro I, cap. V, p. 14.

⁷⁶ Idem, livro I, VI, p. 15.

⁷⁷ Margolin, Jean-Claude. “Érasme et le verbe: de la rhétorique à la l’herméneutique” In Érasme, l’Alsace et son Temps. (catalogue et actes du colloque) Strasbourg, 1971, pp. 271-293, p. 93. Do mesmo modo, Margolin repete esta definição de *res* em seu *Érasme: precepteur de l’Europe*, cap. II.

⁷⁸ Chomarat, J. *Grammaire et Rhétorique chez Erasme*, p. 714. Em sua tradução de partes do *De copia* Chomarat também mantém *res* com o sentido de idéia, intitulando a obra de *La Double Abondance des Mots et des Idées*. Ver: Erasme: Oeuvres Choisies, pp. 233-259.

⁷⁹ Cave, Terence. *Cornucopia. Figures de l’Abondance au XVI Siècle*, op. cit. p. 47.

autores, não as idéias, mas os textos, tamanho é o destaque que adquire a *elocutio* até neste contexto.⁸⁰

Como a *copia* é dupla o *De Copia* é dividido em dois livros, seguindo a tradição clássica: o primeiro trata da abundância das palavras (*copia verborum*) e o segundo trata da abundância das idéias (*copia rerum*), sendo a primeira parte mais extensa que a segunda, pois as idéias são particulares a cada homem ou comuns somente a poucos entre eles, enquanto que as palavras são necessárias para a constituição de todas as idéias. Por esse motivo, na primeira parte ele analisa e exemplifica todos os métodos de variação próprios do bom discurso: os sinônimos, os homônimos, a isonomia, a metáfora, a metonímia, a ironia, a hipérbole, a enálage, a antonomásia, a perífrase, entre outras. Já na segunda parte Erasmo analisa as formas de variação dos objetos, tais como: a acumulação, a similitude, a dilatação, o uso de parábolas, a amplificação dos argumentos, a comparação, entre outras.

5.4) A *copia verborum* (ou copia das palavras)

Erasmo afirma no prefácio de seu manual que resolveu se dedicar à análise da *copia verborum* porque Quintiliano pouca atenção lhe deu em sua *Institutio Oratoria*, privilegiando a *res*. Diz Quintiliano que:

Os preceitos relativos à expressão, se eles são necessários para o conhecimento teórico, eles não tem uma eficácia suficiente para [criar] o poder oratório. (...) Eu deveria examinar a coisa com mais atenção, se apenas um exercício fosse suficiente, mas eles são tão estreitamente ligados entre eles e inseparáveis que, se um deles faltasse, o trabalho consagrado aos outros seria vão. (...) Então, quando o estudante souber encontrar e dispor as idéias, ele saberá escolher plenamente o método para ordenar também as palavras.⁸¹

Para Erasmo, no entanto, o cuidado com as palavras é parte fundamental do discurso, devendo ser tratado com mais destaque, ainda que não acentuasse este ponto como um excesso de teorização sobre a eloquência, mas, porque não considerava

⁸⁰

Idem, p. 47.

conveniente marcar uma descontinuidade entre os dois âmbitos. Assim, ao invés de enfatizar um caráter teórico da *elocutio*, aprofundava com isso a natureza prática do conhecimento das idéias, imbricado com a arte da linguagem. Esta maior valorização da *elocutio*, podemos encontrar no *De Oratore* de Cícero, como mostramos no primeiro capítulo, e é por esse caminho que o *De copia* se desenvolve, atribuindo um papel de destaque para a *copia* das palavras e de sua utilização na elaboração dos discursos. Quanto a este tema, diz o humanista, não é útil ao estudante ler os autores clássicos e memorizar todo tipo de palavra por eles utilizada, pois isso equivalia a uma atrofia do próprio juízo, ou seja, do não entendimento de seu significado correto e do risco correspondente de seu emprego não apropriado. Erasmo, com seu apuro filológico, já enfatizava a importância de que as palavras fossem conhecidas em sua natureza própria, em sua semântica fluida, devendo ser historicizadas, cabendo ao aluno ou ao mestre perceber se a linguagem antiga poderia ser utilizada em seu tempo e de que forma. Do mesmo modo que o orador do século XVI devia ter cuidado ao utilizar as palavras presentes nos textos da Antigüidade, Erasmo o desaconselhava, assim como Quintiliano nas suas *Institutio*⁸², a realização de uma lista de palavras e de seus sinônimos, recomendando, pelo contrário, que fosse feita uma leitura apurada dos bons autores, pois, uma palavra não é boa nem má: tudo depende do contexto, das circunstâncias e do modo como a palavra foi empregada. Desta perspectiva, ele seleciona alguns exemplos de autores bem sucedidos no uso da abundância: como Homero, Ovídio, Virgílio, Cícero e Quintiliano, que sabiam enriquecer e bem dilatar suas idéias a ponto de mais nada poder lhe acrescentar, mas que no entanto, também sabiam exercitar sua *variatio* comprimindo as mesmas idéias até o ponto em que não se podia nada tirar dela, tornando-a mais clara de acordo com as conveniências da persuasão.

Mesmo que não fosse sua intenção se aprofundar nessa questão, ele ressalta como Virgílio é igualmente admirável por essas duas qualidades. "O que seria mais conciso que dizer 'e os campos onde esteve Tróia?' "Em poucas palavras, como diz Macróbio, ele desapareceu com a cidade de Tróia sem deixar nem mesmo uma ruína."⁸³ Louvando a concisão de um dos autores latinos que mais lhe agrada, ele também cita a abundância com que Virgílio trata o mesmo tema.

⁸¹ Quintiliano, *Institution Oratoire*, X, I, 1-5.

⁸² Idem, X, I, 8-9.

⁸³ Idem, I, III, p. 13.

Chegou o dia supremo, a sorte inexorável da Dardânia;
 morreram os troianos, acabou Tróia e a imensa glória
 dos Teucres o cruel Júpiter a Argos tudo transferiu,
 nas vilas incendiadas os Danaens são senhores.
 Ô pátria, ô habitação dos deuses, Ílion, e vós ilustrados
 Pela guerra, as muralhas dos Dardânios.
 O desastre dessa noite, os mortos, quem poderia dizê-los,
 Quem poderia com suas lágrimas se igualar
 à nossa infelicidade?⁸⁴

Tratando de como alguns autores antigos utilizaram a *copia* em seus trabalhos, Erasmo ainda faz um último elogio à Virgílio: "qual fonte, qual mar transborda tantas ondas como o poeta transborda palavras?" Entretanto, mesmo o estilo quase irrepreensível do poeta, assim como o de Homero, Ésquilo, Sêneca e Cícero foram criticados por usarem mais de uma vez a mesma idéia com um grande número de palavras. Este seria para Erasmo um erro em que poderiam cair até mesmo os mais brilhantes poetas e oradores, por isso, ele afirmava já no *De Copia* que a procura pela abundância das palavras poderia ser também prejudicial:

Meus preceitos têm como objetivo podermos abraçar com o menor número de palavras possível o essencial da idéia, sem que a ela não falte nada, e que possamos alargá-la graças a abundância sem que, no entanto, sejamos redundantes; de forma que isso será fácil uma vez conhecido o método, seja de rivalizar com o laconismo, se tivermos vontade, seja de imitar a exuberância da abundância, seja de copiar a medida rhodiana [intermediária entre o laconismo e a abundância].⁸⁵

Acentuando os preceitos de conveniência do estilo abundante e copioso tal como definido por Cícero, Erasmo reafirmava os valores de sua moral destacando os riscos em que os homens podiam cair no uso imoderado da abundância, não para enriquecer boas idéias e intenções, contribuindo para a transformação dos espíritos e da sua própria renovação interna, mas unicamente para a exibição de seus dotes artísticos:

Não há nada de mais admirável ou mais magnífico que um discurso que transborda, com uma rica abundância de pensamentos e palavras, mas, é certamente uma coisa que não deixa de ser perigosa. (...) Não é, então, raro que

⁸⁴ Virgílio, *Eneida*, apud Erasmo, idem, p. 13.

⁸⁵ Erasmo. *De Copia*, livro I, I, p. 11.

os mortais aspirem com mais zelo que felicidade possuir essa virtude divina, caindo em um [discurso] prolixo, fútil e sem elegância, ao mesmo tempo obscurecendo a idéia sob um amontoado vazio e confuso de palavras e de frases que importunam as orelhas dos melhores ouvintes.⁸⁶

Diante deste erro, tão difundido entre tantos autores da época, Erasmo enfatizou em seu tratado entre os preceitos da arte retórica aqueles que são mais adequados para evitar essas falhas tão comuns, propondo sobre as duas formas de abundância alguns princípios ou fórmulas que pudessem orientar os escritores a não caírem nas armadilhas da redundância, ensinando, portanto, a seus leitores como é possível variar as palavras, o estilo, as expressões e os ornatos da melhor forma possível, sem obscurecer o tema de seu discurso. Esta era aliás uma das funções importantes da variação, segundo ele, evitando a tautologia, ou seja, a repetição das mesmas palavras ou expressões, considerado um vício tão ofensivo quanto evidente, impossibilitando a plena persuasão.

De um modo mais profundo e moralizante, a variação é cultuada por Erasmo no *De Copia* como um processo natural, pois a própria natureza se renova a todo instante. “Assim como o olho se fixa na mudança de cena, da mesma forma a mente sempre examina o que quer que pareça novo”.⁸⁷ Este aspecto Cícero já ressaltara na passagem do *De oratore* que citamos, sendo este um dos princípios básicos do boa eloquência que não pretendia apenas agradar os sentidos de seus ouvintes, mas atingir sua alma na essência de sua natureza. Assim, no que tange à forma, se seu discurso não oferecesse um “equilíbrio nas expressões, uma condução brilhante, graça e se não varia jamais (...), ele não é capaz de nos encantar por muito tempo.”⁸⁸ Não nos resta dúvida de que este aspecto toca uma das idéias mais profundas de Erasmo sendo, por essa razão, um dos fundamentos do *De Copia*. Segundo Cícero a afetação e o excesso de ornamentos podem apenas nos seduzir por pouco tempo, provocando quase que imediatamente a saciedade do ouvinte. Mas, pelo contrário, quando se trata de textos escritos ou de discursos o objetivo não é apenas “atingir o ouvido, mas sobretudo o espírito que distingue e que julga os defeitos dos ornamentos emprestados.”⁸⁹ O bom discurso desperta a capacidade crítica de seu leitor ou ouvinte, e esse objetivo

⁸⁶ Erasmo. *De Copia*, I, VIII, p. 16.

⁸⁷ Erasmo. *De copia*, livro I, cap. VIII, p. 17.

⁸⁸ Ciceron. *De Oratore*, livro III, XXIV, 99.

⁸⁹ Idem, III, XXIV, 100.

corresponde nitidamente às pretensões erasmianas de influência na vontade de seu leitor para conduzir-se no mundo tendo em vista sua transformação interior.

O hábito de variar a expressão do objeto permitia a improvisação, pois é muito útil saber substituir uma expressão por outra. Mas, alerta o humanista: esta técnica só pode ser apreendida através do exercício e do treinamento constantes, que se dá a partir da tradução dos autores gregos, “porque a língua grega é especialmente rica na palavra e no pensamento”⁹⁰. Além disso ele recomenda: parafrasear os textos gregos, reescrever os versos dos poetas em prosa, ler cuidadosamente bons autores dia e noite (particularmente aqueles que são mestres da *copia* no discurso, como Cícero, Aulo Gelio, Apulégio), anotar as figuras usadas por eles; memorizar o que anotamos, imitar o que memorizamos e, pelo uso freqüente, tornar um hábito tê-los sempre à mão.⁹¹ Erasmo aqui se baseia em Quintiliano e enumera de forma muito semelhante todos os exercícios preconizados pelo retórico romano, que diz que:

Traduzir do grego para o latim era, segundo o julgamento de nossos antigos oradores, o melhor exercício. É aquele que, nos célebres livros de Cícero sobre o orador Crassos se destaca como sua prática constante; é aquele que o próprio Cícero recomenda freqüentemente em seu próprio nome. (...) E, a razão de ser desse exercício pode-se ver facilmente. Os autores gregos tem uma abundância de idéias e eles introduziram infinitamente a arte em sua eloquência, e quando nós traduzimos, é lícito nos servirmos das melhores palavras, pois todas as palavras de que nós nos servirmos são nossas próprias palavras. Quanto às figuras, principal ornamento de um discurso, nós somos forçados a imaginar um grande número delas e de variá-las, pois a maneira de se exprimir dos homens difere em geral daquela dos gregos.

Mas, retiramos também um grande benefício da paráfrase mesma do latim. (...) E, com efeito, a altivez da inspiração [poética] pode elevar o tom da prosa e das palavras que a licença poética permite empregar com mais audácia, não suprimindo a faculdade de se servir dos mesmos com seu sentido próprio, de outro lado, podemos acrescentar aos pensamentos a força oratória, e preencher as lacunas e suprimir a exuberância. (...) É por isso que eu não concordo com aqueles que defendem transpor os discursos escritos em latim, e com aqueles que defendem que as melhores expressões já foram empregadas, e tudo que se dirá será necessariamente inferior.⁹²

Para Erasmo, assim como para Cícero e para Quintiliano, em cujas bases se fundamenta o *De copia*, a *variatio* e a *imitatio* dos autores antigos são passos de grande

⁹⁰ Erasmus. *De Copia*, I, IX, p. 17.

⁹¹ Erasmo. *De Copia*, I, IX, p. 17.

⁹² Quintiliano. *Institution Oratoire*. Paris: Belles Lettres, 1979, livro X, V, 2-5.

importância para que o aluno se desenvolva e crie seus próprios textos num estágio posterior da educação. Segundo Waswo, este manual erasmiano está baseado no fato de que o estilo depende da consciência de alternativas disponíveis, sendo por essa razão que o humanista apresenta para os estudantes uma grande variedade de modelos, modos de ornamentação verbal e procedimentos argumentativos.⁹³ Este é sem dúvida, como dissemos, um ponto de grande relevância pois, para Erasmo, a elegância do estilo consiste “parcialmente em palavras usadas por autores adequados, em parte pelo emprego da palavra correta. O que a roupa é para o corpo, o estilo é para nosso pensamento.”⁹⁴

Passa então a tratar especificamente dos métodos de variação, para os quais dedica do capítulo XI ao XXXII, cuidando no XXXIII de alguns exemplos práticos próprios à *variatio*. Neste capítulo, ao final do primeiro livro, Erasmo nos mostra as mais diversas formas de se construir e reconstruir uma única frase, desenvolvendo 146 maneiras diferentes de dizer: "sua carta me agradou muito", mesmo diante da aparente impossibilidade da realização de tal tarefa. Procurava sublinhar com isso a infinita variedade de alternativas da arte da palavra e seu imenso poder de gerar diversos efeitos para o mesmo sentido, explorando profundamente suas virtualidades no âmbito da comunicação humana. Entre esses tantos exemplos selecionamos alguns deles: "Sua epístola vivamente me agradou; sua carta me emocionou muito; de sua carta eu obtive muito prazer; seu bilhete não mediocrementemente alegrou minha alma; suas páginas me trouxeram uma alegria soberana; sua carta foi a ocasião para um prazer inigualável para mim; você não acreditaria o quanto eu me alegrei com o que você escreveu; quando a sua carta chegou eu fui tomado de grande satisfação; o fato de você ter me mandado uma carta foi um grande prazer."⁹⁵ O que o humanista procura provar ao longo dos capítulos é a possibilidade de se modificar a forma da frase através do uso de sinônimos, hipérboles ou isonomínias⁹⁶, mas sem interferir na essência do sentido da mesma. Ele mesmo emprega em suas obras uma série delas, como nos *Colóquios*, nos *Adágios*, no *Ecclesiastes*, associadas todas ao objetivo maior que deve ter o orador cristão: colocar em ordem as

⁹³ Waswo, R, “The challenge from Eloquence”, op. cit., p. 215

⁹⁴ Erasmo. *De Copia*, I, X, p. 18.

⁹⁵ Erasmo. Erasmo. *De Copia*, I, XXXIII, p. 39.

⁹⁶ Para Erasmo o principal método de variação se tira da isonomia, isto é, da equivalência, que consiste em acrescentar uma negação, utilizando palavras de sentido contrário àquelas da frase original. Ele cita

regras do bem dizer e utilizar as figuras retóricas partindo da virtude de sua própria consciência intelectual e moral. O primeiro método de variação se dá através do emprego de *sinônimos*, daquelas palavras que, “embora sejam diferentes, expressam exatamente o mesmo pensamento, de modo que não ocorre diferença se você escolher uma ou outra palavra.”

O maior número delas deve ser tirado de bons autores, de modo que, toda vez que for desejado elas estarão disponíveis para nós, como um suplemento de palavras. (...) Assim, a seleção deve ser exercitada por aquele que vai falar, para que entre todas, ele escolha as melhores palavras.⁹⁷

O que guiará, portanto, a escolha destas palavras (sejam elas simples, não visuais, poéticas, arcaicas, obsoletas, estrangeiras ou obscenas) é o contexto em que elas aparecerão e o uso que delas se pretende fazer. Por exemplo, as palavras obscenas para Erasmo não devem fazer parte do discurso cristão. Mas, para os poetas, sobretudo para os satíricos, “se permitiu muito nesse aspecto”. Do mesmo modo, “existem nos poetas palavras que devem ser usadas com economia, especialmente na prosa.”⁹⁸ Nesse cuidado Erasmo, contudo, certamente foi inspirado não apenas nos antigos, mas também em Lorenzo Valla, e sua forma de valorização da linguagem, como alternativa à razão filosófica no contexto moderno, tal como vimos no fim do terceiro capítulo.

O segundo método de variação trata da *enalage*, que consiste na manutenção do radical da palavra, havendo uma pequena alteração na mesura da mesma, como falacioso, falso; agradável, que agrada. Este recurso pode ser utilizado para transformar um substantivo em adjetivo e vice-versa, tal como: expressão de Homero para homérica expressão; extraordinária imprudência para de imprudência extraordinária. Pode ser usada também para trocar um verbo passivo por um ativo e vice-versa; para trocar um nome por advérbio etc. No entanto, diz o humanista, pode se desejar manter o discurso sem modificá-lo, alterando a sua qualidade. E aí são “tantas as maneiras possíveis de troca como existem formas gramaticais de uma palavra.”⁹⁹ As variações pela forma são: número, pessoa, voz,

exemplos como: "ele tem o primeiro lugar, ele não está entre os últimos" ou, "um homem notavelmente culto, um homem que não é em absoluto um iletrado."

⁹⁷ Erasmo. *De Copia*, I, XI, pp. 19-20.

⁹⁸ Idem, I, XI, p. 21.

⁹⁹ Ibidem, I, XIII, p. 25.

espécies, figura, tempo, modo, declinação e conjunção. Aqui, segundo Erasmo, obtêm-se apenas uma pequena variação, que ele ainda assim analisa com todo cuidado.

Mas, onde o aluno pode conseguir uma variação maior é através de figuras como a *antonomasia*¹⁰⁰ (o terceiro método de variação), onde altera-se o nome “o poeta” para Homero; “o filósofo” para Aristóteles; “o ímpio” para Enéias. A seguinte é a *perífrase*¹⁰¹, que alguns chamam de *circuitio*, e que substitui, por exemplo, destruidor de Cartago por Cipião. A *perífrase* se divide em: etimologia, notação e definição. O quinto método de variação trata da *metáfora*¹⁰², também chamada de *translatio* porque transfere uma palavra do seu real e adequado significado para outro muito próximo; como eu vejo para eu entendo. Este, segundo Erasmo é o tipo de metáfora (*deflexio*) mais utilizado. Mas há ainda outros tipos: do irracional para o racional (por exemplo, um homem odioso latiu); do animado para o inanimado ou vice-versa (ex. toda árvore está trabalhando); do animado para o animado (ex. como se alguém devesse falar de abelhas pastando); do inanimado para o inanimado (ex. usado quando alguém fala de uma floresta jorrando, que é uma expressão usada para fontes).

Cícero destacava no *De Oratore*¹⁰³, em seu exame sobre as virtudes da *elocutio*, a importância do bom uso da metáfora, pois ela tinha a vantagem de fazer com que as idéias penetrassem imediatamente no espírito pelos sentidos, devido ao seu poder imagético de concisão, cumprindo por substituição de um termo próprio a prerrogativa de reparar certas insuficiências da língua, tornando visível ao espírito, aquilo que não se podia ver nem distinguir com os olhos e contribuindo para o maior brilho do discurso. Quintiliano¹⁰⁴ também, nas suas *Institutio Oratoria* acentuava as vantagens da metáfora em sua contribuição não apenas para a *copia* do discurso, mas também para a variação, elegância, clareza e sublimidade. Dessa forma, para Erasmo, a metáfora servirá para:

Sugerir que qualquer um que desejar ser mais fluente no discurso deveria observar e colher dos melhores autores um grande número de metáforas bem feitas e para o mesmo propósito acrescentar muitas similitudes. As melhores

¹⁰⁰ Erasmo, *De Copia*, I, XIV, p. 27.

¹⁰¹ Idem, I, XV, p. 27.

¹⁰² Ibidem, I, XVI, p. 28.

¹⁰³ Cícero, *De Oratore*, III, XXXIX, 155-161.

¹⁰⁴ Quintiliano. *Institution Oratoire*, VIII, 6, 6.

estão em Cícero; há muitas em Quintiliano. Mas, nesse quesito dificilmente alguém supera Plutarco.¹⁰⁵

A metáfora se associa a figuras que lhes são vizinhas, tal como a *alegoria*, que não passa de uma metáfora contínua, e a *catacrese* (*abusio*), “utilizada quando usamos palavras para expressar um significado relacionado consigo próprio, pelo qual nenhuma palavra adequada já existia; mas é metáfora quando tal palavra já existe.”¹⁰⁶

O próximo método de variação (o sétimo se considerarmos a alegoria e a catacrese como métodos independentes, apesar da proximidade) é a *onomatopeia*, ou seja, o desenvolvimento e derivação de novas palavras por analogia. Segundo Erasmo, “a observação de todas essas coisas contribuirá muito para a *copia* do discurso, porque nestes termos criados repousa grande parte da saúde da língua latina,” sendo por essa razão que ele considera importante o fato de se ousar um pouco na criação de novas palavras, especialmente em verso e na tradução de autores gregos.

O humanista segue ainda enumerando as figuras. O oitavo método de variação é o da *metalepsis* (*transuptio*) muito similar à catacrese, por isso ele não o aprofunda, sendo inclusive bastante confusa a sua definição. O método seguinte é o da *metonímia*, que consiste em dar a uma invenção o nome do inventor, como por exemplo Baco para o vinho; usar o autor para representar o trabalho (vendi um Virgílio) e indicar o efeito pela ação. O décimo é a *sinédoque* (*intellectio*), que faz compreender de modo geral uma coisa pela outra, o todo por uma de suas partes, o gênero por uma de suas espécies, o objeto fabricado por sua matéria, o conseqüente por seu antecedente, a coisa por seu signo.¹⁰⁷ O principal método de variação provém da *isononímia*, ou seja, da equivalência. Consiste em acrescentar uma negação, a retirar, a desdobrar, com a palavra de sentido contrário, tal como: “ele tem o primeiro lugar, ele não está entre os últimos;” “um homem notavelmente culto, um homem que não é em absoluto um iletrado”. Assim, buscando a palavra oposta, acrescentando-lhe ou tirando-lhe uma negação, o orador pode dar uma nova aparência ao discurso como Erasmo demonstra: “isso me agrada, isso não me desagrade”; eu aceito essa condição, eu não recuso essa condição.”¹⁰⁸

¹⁰⁵ Erasmo, *De Copia*, I, XVII, p. 29.

¹⁰⁶ Idem, I, XIX, p. 30.

¹⁰⁷ Ibidem, I, XXIII, p. 33.

¹⁰⁸ Ibidem, I, XXIV, p. 34.

A este método se ligam a variação pelas palavras comparativas (ele coloca fama antes do dinheiro, ele coloca dinheiro antes da fama¹⁰⁹) e a variação por correlativos (ela não quer ser sua esposa, ela não o quer por marido¹¹⁰). Vêm em seguida a *amplificação* (*auxesis*) e a *hipérbole* (*superlatio*) entre as quais não há praticamente nenhuma diferença. No entanto, a hipóbole diz mais do que a realidade pode garantir, como por exemplo, “ele poderia quebrar rochas”.¹¹¹ Em contraposição a esse método vem a *atenuação* (*diminutio*) dos fatos (por exemplo, quando alguém arrasou com o outro e se diz que ele apenas o tocou¹¹²).

É possível ainda ao orador alcançar a variedade através da *compositio*, seja variando as proposições, alterando a ordem das palavras ou repetindo um verbo para cada proposição. Pode-se variar também mudando a figura de uma proposição de várias formas, assim como alterando a afirmação por uma interrogação ou por uma negação irônica, ou por uma exclamação, sendo possível ainda a inversão de toda a ordem das proposições.

5.5) A *copia rerum* (ou copia das coisas, dos objetos)

Erasmus desenvolve sua argumentação no livro II oferecendo ao leitor uma série de exemplos para que eles possam saber ampliar o máximo possível uma única frase, relatando em detalhes o que poderia ser expresso resumidamente. Desta forma os quatro primeiros métodos erasmianos possuem uma evidente unidade. No primeiro método de amplificação o humanista demonstra como transformar a seguinte frase: “ele terminou sua educação”. A partir desta frase extremamente curta e objetiva, ele elabora todo um parágrafo onde discorre sobre os muitos conhecimentos que alguém que terminou seus estudos deveria ter. São possíveis formas de amplificação da frase: “tem rico acervo de ornamentos retóricos”, “ele conhece muito bem todas as histórias dos poetas”, “os canons dos gramáticos”, “é versado nas sutilezas da dialética”, “conhece os mistérios da filosofia natural”, “as

¹⁰⁹ Ibidem, I, XXV, p. 34.

¹¹⁰ Ibidem, I, XVI, p. 35.

¹¹¹ Erasmo. *De Copia*, I, XXVIII, p. 35.

¹¹² Idem, I, XXIX, p. 35

dificuldades da metafísica”, “as complicações dos teólogos”, “as demonstrações da matemática”, “os movimentos das estrelas”, “os sistemas dos números”, “a localização das cidades, montanhas, rios, seus nomes e as distâncias entre eles”, entre outros tantos saberes que ele ainda enumera.¹¹³

O segundo método, também associado ao primeiro, ensina ao aluno/leitor a não resumir a conclusão de um tema, mas sim particularizar uma ação no tempo, relatando um a um e detalhadamente cada ponto da questão. Desta forma, assim se desenvolve o terceiro método, pois “não apenas mencionamos um fato banal, mas contamos também as causas e o início de onde se desenvolveu”¹¹⁴, recomendando ao leitor Salústio e Tito Lívio sobre essa questão.

O quarto método, apesar de ser também uma variação da arte de particularizar, ele o considera como mais importante, pois é utilizado toda vez que nós não relatamos um tema resumidamente, “mas enumeramos suas circunstâncias concomitantes ou resultantes.”¹¹⁵ Erasmo cita o seguinte exemplo: “nós vamos deixar a guerra por sua conta” e passa a analisar as conseqüências deste fato. Segundo ele: um tesouro é exaurido contra os soldados bárbaros, vilarejos são incendiados, muralhas transpostas, pessoas idosas ficam sem descendentes, crianças ficam órfãs, muitas virgens são desonradas sem pena, a arte é extinta, havendo o caos de todas as coisas humanas.¹¹⁶

O quinto método é usado toda vez que queremos amplificar, adornar ou agradar. Erasmo aprofunda aqui a idéia de amplificação desenvolvida até então, pois cabe ao aluno (e ao mestre) saber colocar em evidência seu objeto. Por essa razão, ele distingue entre os autores antigos diversos tipos de descrições, indicando em cada um deles os processos próprios desenvolvidos para enriquecer o discurso. Segundo o humanista, são os poetas e, sobretudo Homero, que têm excelência na descrição. Mas são vários os tipos de descrições: de uma cena, por exemplo, que transporta o leitor para um teatro e lhe coloca a coisa diante de seus olhos; da tomada de uma cidade; de um banquete, de revoltas e batalhas, cerimônias religiosas, animais, trabalhos de arte, máquinas, edifícios, entre várias outras. Ele enumera ainda a descrição de pessoas (*prosopopeia*), do caráter (*notatio*), da aparência

¹¹³ Erasmo, *De Copia*, II, “Primeiro método de embelezar”, p. 43.

¹¹⁴ Idem, II, “Terceiro método”, p. 46.

¹¹⁵ Ibidem, II, “Quarto método”, p. 47.

¹¹⁶ Ibidem, II, “Quarto método”, p. 47.

(*effictiones*), de lugares que existem (*topographia*), de lugares que não existem (*topothesia*) e de um momento (*chronographie*). Segundo o humanista este tipo de descrição é muito usada por iniciantes, com o fim do deleite de seu leitor ou ouvinte. Os poetas são aqueles que melhor se utilizam desse recurso, muito útil também para os estudantes que devem a ele se dedicar como a um exercício, até alcançar uma descrição completa como faz Virgílio em sua *Eneida*.

Era noite, quando as estrelas estavam na metade de seu vôo,
Quando cada campo repousava;
E corpos cansados sobre a terra
Desfrutavam um sono pacífico; os bosques
E mares selvagens repousavam;
As bestas e os pássaros multicoloridos, aqueles longínquos
E amplos e límpidos lagos, e campos
Com insetos, caíam em sono sob a noite silenciosa,
Curavam suas preocupações, e os corações esqueciam seus árduos trabalhos.¹¹⁷

O sexto método para enriquecer um texto consiste na digressão (*egressio*, *digressio*, *excursus*) que segundo, a definição de Quintiliano, “foge do assunto principal mas ainda assim é pertinente e útil ao caso”¹¹⁸, sendo usado tanto para deleitar quanto para louvar e censurar. A digressão associa as descrições ao emprego de lugares comuns, entre os quais tem uma particular importância aqueles que criticam um vício ou exaltam uma virtude.

Até aqui Erasmo seguiu uma ordem lógica tratando de explicar como a partir de uma frase é possível desenvolver o discurso. Mas, a partir deste ponto, o humanista particulariza sua análise sobre os modos de enriquecê-lo. O sétimo método cuida dos epítetos, freqüentemente usados pelos poetas com o objetivo de deleitar ou informar. Para eles os epítetos são tomados de poderes mentais ao atribuírem grandes qualidades ou defeitos a uma pessoa (ex. Platão, o mais sábio dos filósofos; Cícero, o príncipe da eloquência¹¹⁹). No entanto, os oradores os empregarão apenas para sugerir uma idéia útil à sua causa; por exemplo, para reforçar a autoridade de um autor que ele cita. O oitavo trata das circunstâncias, ou seja, das particularidades concernentes ao objeto ou aos personagens de que se fala. Essas precisões, esses detalhes descritivos são para Erasmo de uma importância extrema, com a “condição de serem utilizados em momentos oportunos.” Eles

¹¹⁷ Virgílio, *Eneida* apud Erasmo, *De Copia*, II, “Quinto método”, p. 55.

¹¹⁸ Quintiliano (IV,3,14) apud Erasmo, *Idem*, II, “Sexto método”, p. 56.

¹¹⁹ *Ibidem*, II, “Sétimo método”, p. 57.

servem para amplificar ou reduzir, para fazer ver (*evidentia*), e para a demonstração, “pois todo o discurso se encontra guarnecido e fortificado de argumentos numerosos”.¹²⁰ Mas, o que realmente importa aqui é o uso que o orador faz desses métodos, respeitando as circunstâncias nas quais eles devem ou não ser empregados.

O nono método para dilatar um texto é através da amplificação, a arte, de fazer parecer grande o que se fala. Erasmo distingue diversas formas de amplificação: a progressão (*incrementum*), a comparação (*comparatio*), isto é, a comparação com outro termo menor, a dedução (*ratiocinatio*), a acumulação de palavras ou idéias que são semelhantes e a retificação (*correctio*). Sobre esta última diz o humanista que: “nós conduzimos diante de seu tribunal não um adúltero, mas o exterminador da pudicidade, não um sacrílego, mas um inimigo de tudo o que é santo e sagrado, não um assassino, mas um sádico carrasco de seus compatriotas e de seus aliados.”¹²¹

No décimo método de desenvolvimento baseado no grande número de possibilidades sobre as proposições há uma mudança na obra, pois ele abandona os detalhes descritivos e passa à argumentação. Como então proporcionar a abundância? É preciso antes de tudo “descobrir o maior número de proposições” inerentes a cada objeto.

Para Erasmo, aquele que busca a *copia* deveria ter especial cuidado em encontrar as proposições que compreendessem o caso no seu todo, seja sobre o que fosse, então dividi-las propriamente e finalmente arranjá-las em ordem da melhor forma possível. É claro que isso deve ser feito de tal forma que o discurso não seja confundido com a *copia* do pensamento, e o ouvinte esteja certo para onde direcionar sua atenção, o que ele deveria lembrar e o que esperar. Entretanto, a habilidade natural será de grande ajuda em tudo, como a jurisprudência será de grande valor para a oratória forense; e o conhecimento da filosofia moral, da história e de vários autores é útil na oratória persuasiva e demonstrativa.¹²²

No entanto, não existe uma técnica exata para descobri-las, sendo apenas por meio do talento e da experiência que o orador pode consegui-las. Algumas são tiradas do que é comum a muitas causas, isto é dos lugares comuns, e outras são tiradas do que é essencialmente particular à causa defendida. Para demonstrar esta afirmação Erasmo nos

¹²⁰ Ibidem, II, “Oitavo método”, p. 57.

¹²¹ Ibidem, II, “Nono método”, p. 60.

¹²² Erasmo, *De Copia*, II, “Décimo método”, pp. 60-66.

oferece alguns exemplos de temas a serem expandidos: uma controvérsia cujo tema é tirado de Quintiliano, uma argumentação retirada de Cícero, uma crítica ao matrimônio, entre outros. Para cada um dos vários temas Erasmo lista o maior número possível de proposições particulares, comuns e conjecturais associadas a cada temática tratada, objetivando provar cada uma das teses que ele sustenta. Como a sua narração é muito extensa (e nossa intenção não é reproduzir literalmente todo o seu discurso, antes analisá-lo em seus pressupostos básicos), optamos então por começar com o exemplo ciceroniano, em que o orador romano é ameaçado de morte por Antônio por causa das suas *Filípicas*. Para defender Cícero, Erasmo formula ao menos três proposições:

1º Aquele que busca fama imortal não teme a morte.

2º Aceitar a morte seria negar seus escritos. Do mesmo modo, Erasmo ressalta que um homem já velho não tem muito a perder.

3º Nada é mais inadequado para Cícero, o melhor dos homens, do que dever sua vida a Antônio, o pior dos homens.

O terceiro tema escolhido por Erasmo é a crítica ao matrimônio, onde desenvolve três proposições gerais para enriquecer o argumento.

1º Levando em conta a piedade, o casamento será um obstáculo para o relacionamento com Cristo.

2º Pelo ponto de vista do prazer em vida, um casamento infeliz traz vários vexames.

3º O casamento compromete a liberdade do indivíduo.¹²³

Mas, frisamos mais uma vez, para Erasmo, a forma mais eficiente de se aprender esses métodos é praticando-os, como já destacara anteriormente no *Rationne studii*, enfatizando a importância de que as línguas grega e latina fossem não apenas aprendidas em suas regras gramaticais, mas que fossem praticadas na conversação, inserindo-se plenamente no espírito por hábito.

O décimo primeiro e último método para enriquecer o discurso consiste em acumular as provas e argumentos para sustentar as proposições. Segundo ele, várias são as razões empregadas para dar suporte à mesma proposição, e as razões são confirmadas por vários argumentos. Na maior parte das vezes os *exempla* são derivados dos elogios tanto do autor, quanto das circunstâncias, da natureza, das pessoas ou das coisas. Duas são as fontes

¹²³ Erasmo. *De Copia*, II, “Décimo Método”, pp. 62-63.

principais que Erasmo oferece ao leitor para que ele busque seus argumentos: os lugares comuns e os *exempla*. Sobre os lugares comuns, o humanista nos diz que muitos autores antigos já trataram desse tema (Aristóteles, Boécio, Cícero e Quintiliano escrevem abundantemente sobre eles). Quanto à maneira de encontrar e usar os *exempla*, Erasmo afirma que alguns autores trataram dessa temática (Quintiliano, Aristóteles e Hermógenes) porém de forma menos abundante. Por essa razão, ele se dedica mais à análise deste meio de proporcionar a abundância ao discurso. É possível ao orador ampliar o *exempla* pelo elogio de seu tema, do autor, personagens históricos ou povo. O enriquecimento pode se dar contando mais detalhadamente cada fato, utilizando um número maior de ornamentos oratórios, sobretudo daqueles que melhor funcionassem como aparato para reter o auditório em circunstâncias apropriadas. Logo em seguida Erasmo introduz um longo desenvolvimento sobre a interpretação dos *exempla fabulosa*, ou, se preferirmos sobre a exegese alegórica, pois todos os mitos contados pelos poetas antigos são repletos de alegorias; e aí, “mesmo se o sentido latente não é tão facilmente acessível, ele existe sempre.” Eles podem ser relatados tanto completamente quanto resumidamente, se as circunstâncias e a propriedade permitirem. Mas, no caso daqueles que estão sem credibilidade, é bom que haja um prefácio para o efeito de sua composição. Embora o método da alegoria não seja encontrado na mesma extensão e em todo lugar, mesmo assim, está fora de questão que nos autores habilidosos da Antigüidade e nas citações dos poetas antigos, a alegoria é encontrada, tanto na história como na batalha de Hércules contra o duas-bocas Aquelon, na teologia (no exemplo de Proteu mudando de forma ou de Palas nascendo da mente de Jove), na ciência, como na fábula de Phaeton, ou na moral, no caso daqueles homens que Circe transformou em animais brutos pela ação mágica, ocorrendo ainda que às vezes um tipo de alegoria é misturado ao outro.¹²⁴

Um outro meio para dilatar os *exempla* consiste em mostrar de modo detalhado a relação de semelhança, de dissemelhança ou de oposição (*simile, dissimile, contrarium*), ou ainda de igualdade, inferioridade e superioridade (*par, minus, maius*) que pode existir entre o personagem ou a situação da qual se fala. Cada um desses tipos é ilustrado por uma citação de Cícero ou de Virgílio fornecida por Quintiliano, porém Erasmo inventa a

124

Erasmo, *De Copia*, II, “Décimo primeiro método”, p. 70.

contentio, que é a forma de dilatação mais longamente analisada pelo humanista. Segundo ele:

Há também um tipo geral de *contentio*, especialmente do tipo demonstrativo, quando com o propósito da alegoria nós contrastamos uma pessoa com a outra; por exemplo, de forma a elogiar Júlio, pontífice romano, alguém poderia contrastá-lo com Caio Júlio César, e comparar os bons atos do primeiro com aqueles do segundo.¹²⁵

Erasmus relaciona ainda ao *exemplum* uma série de procedimentos vizinhos, próprios a fornecer os argumentos para sustentar uma proposição. O primeiro é a parábola, que não se distingue do *exemplum*, onde se faz intervir um fenômeno natural no lugar de um personagem. O segundo é a imagem (*imago*), que é uma breve comparação; ela serve menos para provar que para dar ao discurso a sua gravidade. O terceiro é a *contentio demonstrativa*, que é utilizada para louvar um personagem, colocando-o em paralelo com outro que lhe serve de ponto de partida. O quarto gênero de *exemplum* Erasmus o chama de *iudicia*, ou seja, os pensamentos e as sentenças (*sententiae*) que podem ser coletadas dos escritores ilustres, dos sábios, dos poetas, dos historiadores, dos filósofos, das Escrituras, das cartas privadas, entre outros.

Segundo Erasmus, elas podem ocorrer na narração, nos apelos e nas emoções, e não apenas na argumentação. E, “se forem empregadas apropriadamente, contribuem grandemente para a *copia* do discurso.” São várias as formas das *sententiae*. Algumas são de aplicação universal: “o ódio é sua própria punição”. Outras são relacionadas ao sujeito do tema: “o príncipe que deseja saber todas as coisas deve ignorar muitas.” Outras são simples: “o amor conquista tudo”. Outras têm uma razão adicional ou combinada: “em toda disputa o mais capaz, mesmo se receber injúria, nunca, por ser mais forte o demonstra”. Algumas são duplas, com partes opostas: “complacência traz amigos, a verdade, desgosto”. E, por fim, algumas são de partes diferentes: a morte não é miserável, a aproximação da morte é.”¹²⁶

O próximo método de enriquecimento do discurso vizinho ao exemplo, e mais precisamente ao exemplo fictício (*fabulosum*) é o *apólogo*, muito próximo das fábulas. A diferença entre eles é que os apólogos dão prazer maior e persuadem de forma mais efetiva.

¹²⁵

Idem, p. 79.

Eles agradam por certo tipo de imitação dos costumes e convencem porque colocam a verdade diante dos olhos do leitor. Segundo Erasmo, as pessoas do campo e os não educados são mais facilmente persuadidos por eles. Os apólogos de Esopo são especialmente célebres, sendo ele considerado sábio por esta razão. “Quase todos podem compor este tipo de fábula para um dado propósito, mas para compor com correção é preciso ter não apenas talento, mas também estudo sobre a natureza das coisas, pois elas são de infinita variedade.”¹²⁷ Os apólogos serão feitos sem tédio, segundo Erasmo, através da imitação e adaptação de alguns aspectos da vida dos homens, assim como ao usarmos as fábulas, *sententia* e sermões.

Outras formas de variação próximas ao *exemplum fabulosum* são, por exemplo, as narrativas de sonhos, como o sonho de Luciano, ou de ficções puras como as histórias de Prodicos sobre Hércules, ou a fábula de Mommos em Cícero. Segundo Erasmo:

Eu penso que muitos escritores conseguiram muitos benefícios neste tipo e, repousando na credibilidade das pessoas, introduziram na literatura cristã como verdade algumas tolices extremamente miraculosas. Nesta classe estão as Histórias Verdadeiras de Luciano e quase todos os argumentos da Comédia antiga, que agradam não pela imitação da realidade, mas pelas ilusões e alegorias. Não há dúvida que este tipo de ficção, que apresenta a imagem sombria da realidade é relatada nas parábolas.¹²⁸

O que Erasmo ressalta é que se essas narrações imaginárias visam a persuadir, elas devem respeitar a noção de verossimilhança, para que não enganem nem abusem da credulidade dos leitores, tomando a ficção pelo real. Enfim, por último, trata das alegorias teológicas e dos exemplos tirados do Antigo e do Novo Testamento. Eles podem e devem, segundo o humanista, ser tratados de modos variados pelo uso da alegoria, podendo ser adaptados aos costumes dos homens, ao corpo da Igreja, em harmonia com Cristo e com a comunicação celestial.

Para concluirmos a análise desta obra gostaríamos de retomar seus pontos que consideramos principais, ressaltando uma noção fundamental para Erasmo e que ele expõe apenas no início do texto: a questão do *decoro*. Este ponto é importante devido ao fato de que tanto aquele que visa à concisão quanto aquele que visa à abundância, precisa ter a

¹²⁶ Ibidem, pp. 81-82.

¹²⁷ Ibidem, p. 85.

¹²⁸ Ibidem, p. 87.

plena sabedoria para escolher corretamente entre seus recursos, eliminar e não reter apenas o que é indispensável ao seu argumento. Aqueles que buscam a abundância deviam então recorrer de forma diligente aos procedimentos enunciados por Erasmo no *De Copia*, e aqueles que buscam a concisão devem cuidar para que seu estilo não seja seco, obscuro e sem graça. A abundância exige uma escolha para excluir as razões fúteis, os exemplos inadequados, as sentenças vãs, as digressões muito longas e as figuras muito utilizadas. Desta forma, o orador ou o escritor precisa ter essencialmente um bom juízo e equilíbrio em suas opções, sendo esta, enfim a virtude própria de sua arte, localizada afinal, na excelência do caráter. Sobretudo, ele deve demonstrar prudência no uso da abundância, pois, nem ela nem a concisão (ele deve saber) são condições absolutas, boas em si mesmas, mas sim, relativas a cada objeto, às circunstâncias e à intenção do discurso. Portanto, o verdadeiro orador, como já dizia Cícero, saberia, em cada momento, extrair de cada estilo sua beleza ideal, atestando sua própria virtude.

Portanto, para o humanista, a estreita vinculação a uma escola antiga de eloquência (seja a exuberância do estilo dos asiáticos, seja o estilo mais simples dos áticos, ou o meio termo entre as duas proposto pela escola rhodiana) não significa muito para o reconhecimento da boa eloquência, porque, nesta perspectiva, o que realmente importa é exercitar o próprio talento em todas as formas, sabendo bem empregá-las, em função da propagação da fé e das virtudes cristãs, nos contextos mais variados da vida dos homens. Essa necessidade e este modo de apreço dos poderes da eloquência ele propõe diretamente no *Rationne* e no *De Copia*. Enfatiza então as vantagens da habilidade artística do discurso para contribuir com a purificação da natureza humana sob uma fé autêntica, sublinhando a harmonia e a continuidade plena entre estes dois âmbitos da vida. Sublinha assim a gravidade das faltas da ausência de concordância entre o tipo de eloquência e o estilo, de um lado, e o conteúdo das palavras, as circunstâncias e a figura do orador, de outro. Nada mais distante dos pressupostos erasmianos do que uma tal discordância.

Tal é o sentido mais profundo do *De copia*, manual escolar pouco estudado pelos analistas, mas que desenvolve um ponto de vista original sobre a retórica, na medida em que o autor não apenas usa os princípios de Cícero e de Quintiliano, mas também os repensa e os atualiza de modo extremamente pessoal e crítico.

* * *

Assim, o argumento que procuramos destacar entre os conselhos de estilística e retórica que Erasmo dá a seus alunos ou mestres no *De Copia*, é a sua preocupação com a *variatio*, não apenas pelo prazer de variar, mas, sobretudo, para que eles aprendam como adaptar harmoniosamente o estilo ao objeto tratado; condição fundamental para a construção de um discurso claro e ao mesmo tempo persuasivo. Este princípio, como dissemos, não está presente apenas em seus escritos teóricos, mas também expresso claramente na forma de suas mais diversas obras, assim como em sua correspondência, onde o ele exercita com frequência a variação do estilo.

No entanto, ao propor a *variatio* Erasmo entra em choque com toda uma geração de humanistas italianos que propunham a vinculação estrita ao modelos ciceroniano de escrita.

Esta questão além de possuir um papel de grande relevância na modificação de toda uma estrutura educacional baseada na pedagogia escolástica, também retoma a querela anticiceroniana travada algumas décadas antes por Lorenzo Valla, Policiano e Pico della Mirandola, contra a imposição do modelo ciceroniano e a favor da liberdade de espírito. Na Itália, desde a publicação dos trabalhos de Valla, o primeiro a questionar o predomínio do modelo ciceroniano, alguns humanistas se engajaram na batalha em prol da variação do estilo de acordo com a matéria tratada, ou segundo as circunstâncias de tempo e de lugar.

Esta polêmica sem dúvida não passou despercebida por Erasmo que, em 1528, publica o *Ciceronianus*¹²⁹ (*O ciceroniano*) opondo-se ao pedantismo e à relação que o leitor moderno estabelecia com os textos clássicos, tomando-os como modelos absolutos da verdade e do saber. Os humanistas dos séculos XV e XVI perceberam o estilo como sinal do caráter do homem como um todo e expressão de suas virtudes próprias, não sendo apenas uma capacidade artística válida por si só. Mas, o que muitos deles não viram, tamanha a sua admiração por Cícero, é que a prática única e constante deste autor poderia

¹²⁹ Este diálogo não é uma retratação da sua admiração por Cícero (tendo editado algumas de suas obras, sempre enfatizou a moral contida em seus textos), mas sim a denúncia de um novo paganismo que, sobretudo na Itália, se fundamenta sobre a reputação inatacável do orador romano. Erasmo desde logo é partidário da imitação, como sua pedagogia demonstra suficientemente, mas o humanista quer que seus alunos aprendam a imitar os antigos para que eles possam definir-se em comparação com os clássicos. Erasmo. "Ciceronianus" in: Erasme. *La Philosophie Chrétienne: L'Éloge de la Folie, L'Essai sur le Libre Arbitre; Le Ciceronien; La Refutation de Clichtove*. (Introduction, traduction et notes par Pierre Mesnard) Paris: Vrin, 1970, pp. 257-358.

esterilizar o autor moderno, impedindo-o de descobrir sua própria natureza e de desenvolver sua criatividade e seu juízo particular.

A proposta erasmiana em seus tratados pedagógicos se opõe radicalmente a essa questão amplamente debatida pelos italianos, tendo em vista que, tanto no *Rationne* quanto no *De Copia*, os exemplos clássicos são de grande utilidade ao aprendizado por apresentarem em seu conteúdo as línguas antigas em seu estado mais puro (sem as deturpações lingüísticas acrescidas pelo tempo), assim como narrativas e poesias de grande beleza, exemplos morais eficazes e uma grande variedade de modelos e formas estilísticas. No entanto, ainda que partindo dos clássicos como referência, o humanista esperava estimular em seus alunos uma nova relação com o texto, muito mais criativa e independente, onde estivesse presente o espírito e a inventividade dos autores.

A insistência na *variatio* nas obras teóricas erasmianas (seja dos autores e de seus exemplos morais, seja das formas de ornamentação e das palavras) é, segundo, Marc Fumaroli¹³⁰, uma das características essenciais que distinguem os manuais de Erasmo de vários outros escritos por humanistas como Alberti, Sadoletto, Piccolomini e Guarino de Verona, e que os tornaram, juntamente com a obra de Agricola (*De inventione dialectica*) os modelos pedagógicos mais influentes da Europa. Os manuais erasmianos foram a principal referência para a exposição similar de Juan Luis Vives sobre os objetivos e método da educação humanista, intitulado *De tradendis disciplinis*, de 1531¹³¹. O acento erasmiano na *variatio* e também nos métodos de se enriquecer o discurso é diametralmente oposta à veneração ao modelo ciceroniano, abundante.

É deste ponto de vista que ele escreve o *Ciceronianus*, um diálogo entre três personagens: Buléforo, Nosopon e Hipólogo. O primeiro expressa as idéias erasmianas contra Nosopon, sendo Hipólogo um personagem indeciso e pouco consistente. Um dos pontos altos desse diálogo é quando Nosopon faz notar a seus interlocutores que em toda a Itália se dedicaram à procura da verdade ciceroniana (particularmente humanistas como Bembo e Sadoletto), imitando suas palavras, seu estilo e suas idéias. Buléforo (porta-voz de Erasmo) replicando esta assertiva, afirma que a admiração mesmo excessiva de Cícero não

¹³⁰ Segundo Fumaroli, o método de Erasmo tal como ele aparece explícito também no prefácio dos Adágios, possui um aspecto que o diferencia dos humanistas italianos: o gosto do humanista por diversos processos estilísticos e figuras de linguagem. Cf.: Marc Fumaroli. *L'Âge de l'Éloquence*, p. 98.

¹³¹ Quentin Skinner. *Razão e Retórica na Filosofia de Hobbes*, p. 42-43.

desviou esses grandes espíritos da elaboração de trabalhos onde é nítida a presença das suas próprias idéias e opiniões. Nesse sentido, o julgamento de Buléforo sobre Sadoleto, bispo de Carpentras, é ainda mais interessante e nos direciona para um debate mais vasto, que se situa no centro do diálogo humanista e, por sua vez, constitui o cerne de suas discussões. Diz ele sobre o ciceroniano:

Sadoleto..., mestre da ciência e do bom gosto, não se mostra ciceroniano ao ponto de esquecer a dignidade de seu cargo (episcopal) e as exigências de sua causa; ele não receia da mesma forma empregar em suas cartas um vocabulário eclesiástico. Assim, ele não falaria de uma maneira tuliana? Pelo contrário, ele se exprime certamente do modo pelo qual teria falado sobre tais questões Cícero, se ele fosse nosso contemporâneo; isto é, de modo cristão, sobre os temas cristãos...¹³²

Essa última frase sublinha bem o interesse erasmiano pelo uso consciente das técnicas retóricas e dos modelos antigos, sendo necessário que a retórica empregada pelos humanistas cristãos fosse adaptada às questões, ao vocabulário e aos problemas morais específicos da vida no século XVI, não devendo ser utilizada, portanto, de forma arbitrária e sem nenhuma preocupação com sua utilidade prática imediata. A retórica para Erasmo, assim como foi para Cícero, era uma forma consciente do homem intervir no mundo, sendo por essa razão que ele tanto se empenhou, juntamente com outros humanistas¹³³, na edição, na tradução e na publicação, tanto das obras antigas, quanto das obras de outros humanistas que partilhavam do mesmo ideal de valorização da cultura clássica aplicada aos interesses da filosofia cristã.

Como a retórica assume este papel prático na vida cotidiana, estando sempre relacionada às temáticas religiosas, políticas, sociais e pedagógicas, um orador que empregue essa arte como faz um sofista (ou um teólogo) por exemplo, sem nenhuma preocupação com a verdade, nem tampouco com as questões que afligem seus

¹³² Erasmo. "Ciceronianus" in: Erasme. *La Philosophie Chrétienne: L'Éloge de la Folie, L'Essai sur le Libre Arbitre; Le Ciceronien; La Refutation de Clichtove*. (Introduction, traduction et notes par Pierre Mesnard) Paris: Vrin, 1970, p. 337.

¹³³ Sobre a função que Erasmo assume de editor e tradutor de trabalhos que estivessem de acordo com os seus ideais de disseminação de uma filosofia cristã ver: Lisa Jardine. *Erasmus: Man of Letters*. Princeton: Princeton University Press, 1995. A rede de humanistas que se forma em prol de interesses comuns e que se utiliza conscientemente do poder de comunicação que a imprensa adquire no início do século XVI, assim como o uso da retórica como forma padrão de orientar a elaboração de novos trabalhos que estivessem preocupados com as questões religiosas e pedagógicas, são temáticas que pretendemos ainda desenvolver ao longo do doutorado.

contemporâneos, está totalmente desvinculado dos preceitos mais caros à eloquência. Esse é um problema que Erasmo já ressaltava no *De Copia*, quando destaca a importância da adaptação das palavras e expressões dos antigos ao contexto moderno, indo de encontro alguns anos mais tarde, quando escreve o *Ciceronianus*, aos puristas da linguagem que rechaçam a terminologia cristã dizendo que "Deus há que ser chamado de Júpiter, Cristo de Apolo, a Santa Virgem de Diana, a Igreja católica de templum, (...) apenas para servir aos termos e expressões utilizadas por Cícero."¹³⁴

Através de sucessivas réplicas àqueles que seguem Cícero de uma forma totalmente inadequada, Buléforo define um classicismo que se liberta de todo vestígio de paganismo, e cujo interesse está em expressar apenas uma filosofia de inspiração cristã, em acordo com um humanismo comprometido com as questões inerentes à Renascença.

Assim, fundamentalmente, Erasmo insiste no *Ciceronianus* na insuficiência do modelo privilegiado do grande orador latino, afirmando a importância da leitura de Aristóteles, Teofrasto, Plínio e de todos aqueles que não apenas contribuíram para a beleza do estilo, mas também ofereceram em abundância exemplos morais e reais, contribuindo para o aprendizado das disciplinas liberais e, sobretudo, para a formação moral e religiosa. É, portanto, munido de todos esses conhecimentos que o aluno poderá, afastando-se dos seus modelos, elaborar um discurso próprio que exprima a sua virtude, em consonância com os problemas de sua realidade imediata.

¹³⁴Erasmo. "Ciceronianus" in: *Erasme. Philosophie Chrétienne*, p. 288.